

BOLETIM KULTURUM



Escrit@
Criativ@

Colección de relatos, poemas y artículos

PRESENTACIÓN

En este número del Boletín Kultrun...

Tenemos la satisfacción de entregar a la comunidad académica una colección de relatos y poemas, además de artículos sobre diferentes aspectos de la creación literaria y su trabajo diario tanto en sala de aula como fuera de ella, en proyectos de extensión y otras modalidades de oficinas literarias.

Queríamos mostrar la vitalidad de la escritura creativa en estos tiempos de archivos y plataformas digitales, más allá de la dictadura de la industria editorial con sus metas comerciales y sus nichos de mercado bien definidos.

En lo que se refiere a la poesía, contamos con las colaboraciones de Thaina de Santana Alencar, con dos poemas escritos en portunhol selvagem da fronteira, cargados de crítica social y sentimientos humanitarios en estos momentos conturbados de la vida nacional; Maria Beatriz Barmaimon Garcia, que nos entrega otros dos poemas metaliterarios donde reflexiona sobre el acto creativo y la escritura como forma de expresión y necesidad vital; Cesar Augusto Espitia Pedreiros, con una enigmática prosa poética sobre la dualidad de la existencia.

Miguel Ahumada Cristi nos presenta su obra Barquito de papel y otros poemas para antes de dormir, un poemario para niños recién publicado de libre acceso, incluyendo un link para leer y descargar el libro.

En cuanto a la prosa, Fabio Salvatti nos ofrece un relato existencial sobre el paso del tiempo y la relación padre-hijo.

Diego Chozas nos ofrece una selección de aforismos sobre la figura del escritor y la escritura en sí.

Lyda Milena Medina Capera contribuye con un canto multicultural y nostálgico que reflexiona sobre los hallazgos y los pesares de la vida migrante.

El Boletín presenta a continuación un bloque de colaboraciones de algunos participantes del proyecto de extensión de la UNILA denominado Laboratório de Escrita Criativa (LEC). El bloque se abre con un relato de experiencia de Enrique Padilla, en el que se explica la trayectoria y metodología de este proyecto comparándolo con otros talleres en los cuales el autor participó anteriormente en México. El propio Enrique nos regala un cuento histórico de inspiración egipcia pero con una significación universal. Otra participante de este proyecto, Carolina Guerra, nos entrega un cuento de tono gótico sobre sucesos familiares que condicionan durante décadas a las personas, causando dolor e infelicidad. Eileen Zapata presenta un cuento sobre la dificultad de establecer relaciones interpersonales sólidas en los tiempos actuales. André Kaysel nos regala un relato sobre los tiempos del coronavirus, e Iván Ulloa, por último, envía un cuento en el que se narra un acontecimiento inesperado en una isla singular.

La selección de textos continúa con un artículo del escritor y profesor universitario Federico Zurita, en el que reflexiona sobre el significado y la estructura de su premiada novela *Nostalgia de la madre muerta*.

El último bloque de colaboraciones presenta un relato de experiencia sobre un curso de español articulado como un taller de escritura creativa. En primer lugar se describe la metodología y la dinámica de las clases y, a continuación, se presentan relatos escritos por algunos de los participantes. El cuento de Mylena Dias Kruger es una distopía que tiene lugar en un Rio de Janeiro post-apocalíptico, donde dos mujeres se conocen y entablan relación. Ana Luiza Alves presenta un relato romántico sobre la relación entre un empleado de una multinacional que pretende construir un *resort* en un pueblo idílico y una mujer que se opone; y, por último, Ary Dias Dutra nos regala un relato cuyo personaje principal es la hija de Violeta Parra.

Como pueden ver, esta última edición de 2022 del Boletín Kultrun viene cargada de inspiración y buenas producciones para leer con calma y disfrutar de una antología ecléctica, multicultural y de alcance internacional, con colaboraciones desde México, Chile, Colombia, España y varios lugares de Brasil.

El equipo del Boletín Kultrun espera que lo disfruten y les desea unas felices fiestas y un buen pasaje de año. Volveremos en 2023 con nuevos retos y esperanzas.

Un fuerte abrazo para nuestr@s lector@s!

ÍNDICE DE CONTENIDOS

Presentación	2
Quando chove hormigas; Terror em 9 atos Thaina de Santana Alencar	6
Sinto muito; Outro pra Gloria Maria Barmaimon Garcia	9
Dentro de mí César Augusto Espitia Pedreiros	13
Viajando entre melodías, ritmos y territorios Lyda Milena Medina Capera	14
Barquito de papel y otros poemas para antes de dormir Miguel Ahumada Cristi	16
O relógio Fabio Salvatti	17
Aforismos sobre el escritor y la escritura Diego Chozas	20
Breve historia del grupo Sudacas Enrique Padilla	22
Sueña el príncipe Enrique Padilla	28
O flagelo Carolina Guerra,	30



Ley seca Eileen González Zapata	34
Comuna Vírus Andre Kaysel	39
La isla Iván A. Ulloa Bustinza	45
El mapa como fracaso cognitivo en Nostalgia de la madre muerta Federico Zurita	63
A escrita criativa nas aulas de Espanhol / Língua Adicional Iván A. Ulloa Bustinza	76
Confiar y sobrevivir Mylena Dias Kruger	84
El olor de las rosas Ana Luiza Alves	96
“Para mi rosita” Ary Dias Dutra	109



Cuando Chove Hormigas

Thaina de Santana Alencar

Quando llueve formigas em Foz do Iguaçu
A tríplice fronteira do lado oeste do sul
Se pone llena de pequenos pontos alados
Vermelhos, puntos rojos pra todos os lados

Em plena primavera de vinte e dois
¡Chuva de formigas! Y depois?
Copa mundial de futebol, eleições,
Poluição, contaminação, trepidações

Mientras tanto lo pensamiento corre
Transborda, transmuta, escorre
Eletifica, cospe, mastiga, engole
Diminui, borbulha, fervilha, encolhe

É no momento do tal agitar
Que é preciso acalmar o mar
"Vento que sopra daqui, sopra de lá"
Esse é um bom lema para internalizar

Mas, voltando a las hormigas y sus alas
Se no cenário atual elas tivessem falas
Diriam que tudo passa, tudo passará
Pues no giro do mundo nada fica no lugar

Terror Em 9 Atos

Thaina de Santana Alencar

Lo sientu, essa vai sair com amor não
Canetei outra que carbura a mente
Apagaram mais preto no camburão
E que geral se faça consciente

Que a vida de um preto com esquizofrenia
Foi violentamente interrompida, arrancada
Mais um presunto pobre da periferia
No Brasil, vida de preto não vale nada

Genivaldo de Jesus Santos foi assassinado:
Plena luz do dia, dentro de uma viatura
Câmara de gás, um homem asfixiado!
Y não foi nos tempos de escravatura

Foi no século 21 no ano de 2022!
Mais um preto morto pelo estado
Pra preto não tem feijão com arroz
Pues preto é carta fora do baralho

Vários fardado armado até os dente
Largaram o dedo dentro da Vila Cruzeiro
22 mortos! Trata-se de gente
E isso não é realidade só no Rio de Janeiro

É em cada partezinha desse Brasil
Do Oiapoque ao Chuí, de sul a norte
O que sobra pra nós é bala de fuzil
Pra pobre é vala, fome, morte

Trash vivenciar toda essa matança
Todo dia caçam preto, indígena, mina
Não se poupa nem CRIANÇA!
É mais alvo quem tem mais melanina

Favela quer paz, cultura
Não quer UPP y viatura
Favelado quer fartura,
Y intercambiar ternura

"Eu só quero é ser feliz
andar tranquilamente na favela onde eu nasci
Y poder me orgulhar
Y ter a consciência que o pobre tem seu lugar"

Thaina de Santana Alencar

Bacharelado em Letras, Artes e Mediação Cultural. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA) na Universidade Federal da Integração Latino-America (UNILA). E-mail: thaina.desalencar@gmail.com.



Sinto muito

Maria Barmaimon

To há um tempo sem escrever
talvez o mesmo tempo que to sem dizer
o que sinto
eu li um trecho de Gloria ontem
é incrível o efeito que ela tem sobre mim
um trecho
e já estou aqui dizendo em escrever
um trecho
e já me sinto um passo mais próxima de mim
um único trecho
fronteiriço
que me lembra do que sinto
e de que sinto muito

engraçado pensar nessa expressão:

"sinto muito"

usada cotidianamente como sinônimo de "meus pêsames" ou
de "desculpa"

engraçado porque eu me culpo constantemente
por sentir muito

é como se essa expressão fosse feita pra já explicar
pro outro

que a gente sente muito e por isso me desculpe qualquer coisa
sinto muito já é a própria desculpa

já é a resposta pra qualquer coisa que tenhamos feito

Mas,
sentir muito só é motivo de pra se desculpar
com quem sente pouco
com quem não transborda
com quem se segura

eu não vou mais me desculpar por sentir muito
sinto muito por isso
eu habito um meio termo
um não lugar
eu vivo a incerteza
de realmente estar e
eu sinto muito
a única coisa que eu quero pouco
é me importar
com quem só me vê como desvio
sendo que eu sou rio
que deságua no mar

e pra culpa
meu "pode ir"
não quero mais
sentir culpa não me cabe
por que eu já sinto demais

Outro pra Gloria

Maria Barmaimon

Quando ela disse que tinha medo de escrever,
mesmo que tivesse mais medo de não escrever, eu
romantizei.

Li essa frase feito poesia

Meio rápido

Meio fundo

Mas não por inteiro

Hoje sinto que entendi mais uma parte do que ela poderia
ter dito

Hoje senti medo

De não escrever, nunca mais

E esse medo foi maior do que quando sou obrigada

Pela minha mente e pelas minhas mãos

A dizer, letra por letra, sem descanso

Talvez este esteja sendo um dos maiores hiatos que já
vivenciei

Meu maior tempo afastada

Dessa minha posição de escrita

E o que aumenta, junto da angústia, é o medo

Eu tava fingindo bem até agora

Fingindo que não tava preocupada

Com o nível baixo do reservatório

Com a seca

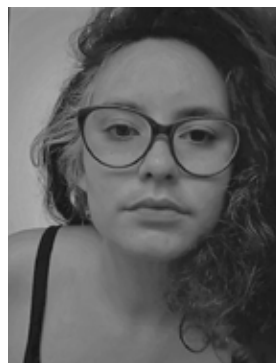
Fingindo que tava respeitando meu tempo

Que tava esperando fluir
Tem coisa que não dá pra esperar
Osso na garganta engasga
E não é o tempo quem tira
É preciso arrancar fora

Percebi que eu tava sufocando
E consciente
Com medo de morrer sufocada
Sem ter escrito nada antes
Precisei sair, mergulhar e voltar
Ficar doente, receber recado e calar
Talvez agora eu consiga engolir melhor
Respirar melhor
Pra quem sabe escrever
Com medo mesmo
Medo eu sinto sempre
Mas sem dúvidas enquanto eu puder escolher
Prefiro o medo de não falar
Ao medo de dizer

Maria Barmaimon

Maria Beatriz Barmaimon Garcia, graduanda
Antropologia Diversidade Cultural
Latino-Americana (UNILA)
- Email: mariabarmaimon@gmail.com



Dentro de mí

César Augusto Espitia Pedreros

Es tan simple como lo que tú y yo, y, yo y tú estamos pensando ahora, que hasta te preguntas si tú y yo, y, yo y tú es lo mismo. Pues, justo ahora solo somos tú y yo, pero no te equivocas, pues, de hecho, tú y yo, y, yo y tú siempre sabemos lo que estamos pensando los dos...

César Augusto Espitia Pedreros

Vengo del hermoso país de Colombia. Ingrese a la Unila en el año 2019 donde hago la carrera de Licenciatura en Letras Español y Portugués como Lenguas Extranjeras





Viajando entre melodías, ritmos y territorios

Lyda Milena Medina Capera

Unidos por el Amazonas, fluyen como el agua los cantos del folclor colombiano hacia Brasil, tierra de Samba, Forró, Bossa-nova, Maracatu. Estos traen conmigo las historias de mis ancestros, entre ritmos de trompeta, acordeón y gaita; o la voz de Escalona que de fondo canta: "Que no te extrañe brasilera, si algún día yo voy por allá y nos vemos en la frontera, cerca de Belén del Pará, ay, quién sabe me quede con ella o hasta me la traiga pa'cá"

El equipaje que cargo es ligero, salsa, vallenato y cumbia viajan, como cuerpos entrelazados al compás del corazón, aterrizando en un nuevo territorio, con anhelo, locura y disritmia, esa que cantaba Martinho Da Vila y que te hace suspirar: "Eu quero ser exorcizado pela água benta desse olhar infindo, que bom é ser fotografado, mas pelas retinas desses olhos lindos...". Tal vez podría decirlo alguna vez y sino sería solo un Sueño como en la traducción que hizo Willie Colón.

Aún no sé cuánto tiempo estaré fuera de casa, solo soy consciente de estas melodías, que se convierten en saudades y melancolías, personas, momentos que se quedan atrás, como retrocediendo el lado A o B de un cassette.

Finalmente, solo me queda pensar que los procesos son como notas musicales, que tienen subidas y bajadas. Algunos días me siento en Sol y otros simplemente

quisiera ser un reproductor y ponerme en pausa o por qué no en Off. Lo importante es tener la certeza que a donde quiera que vaya tengo un sitio al cual regresar, una canción que en la lejanía escucho, una que dice que "Mi sabana se quedó esperando, que yo regrese algún día y por dentro yo siento el llamado que me hace la tierra mía".

Lyda Milena Medina Capera

Lyda Milena Medina Capera es estudiante del curso Mediación Cultural, Artes y Letras de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA). Es voluntaria en el proyecto de extensión "Educomunicação e Cultura Guarani (EDUCOM GUARANI)", voluntaria en el proyecto de extensión "Boletim Kultrun de Artes y Letras" y bolsista en el proyecto de iniciación científica Internacionalização da "Educação Superior: políticas linguísticas e impactos da pandemia de Covid-19".



Barquito de papel y otros poemas para antes de dormir
Barquinho de papel e outros poemas para antes de dormir.

Miguel Ahumada Cristi

Barquito de papel y otros poemas para antes de dormir es un poemario infanto-juvenil de edición bilingüe (castellano/portugués) que fue creado para que su lectura incite a los niños, niñas, adolescentes y jóvenes a soñar y a crear un mundo más amistoso, tierno y alegre. También fue hecho para que los adultos puedan, a partir de la reflexión



íntima, conectarse con aquella infancia que ilustra nuestra antigua, y a veces perdida, relación vibrante con el medio natural: con el agua, con las plantas, con los peces, con los sapos, con las arañas, mariposas, pájaros.

El poemario completo es de libre acceso y descarga:

<https://bit.ly/3DUpQ1c>

Miguel Ahumada Cristi

Rengo, Chile, es Licenciado en Educación y Pedagogía especialista en Lenguaje y Comunicación; Magíster en Filosofía de la Educación y Doctor en Educación y Sociedad. Es docente de la UNILA desde 2015, y actúa como profesor de las disciplinas Español/CCE e Historia y Filosofía de la Educación. Dirige el proyecto “De la mano por anchos caminos, materiales didácticos para la educación en derechos humanos, valores y ciudadanía” www.poramploscaminhos.com.br En literatura, ha publicado las obras “Evidencias poéticas” (2011), “Versos jóvenes” (2011), “Microrrelatos encima de Santiago” (2013) y “Barquito de papel” (2021).





O Relógio

Fabio Salvatti

Com todo o amor, recebi de minha querida madrastra o relógio de bolso que meu pai recebera do seu. É este o legado que me cabe. Cuidar de um relógio, por um tempo. Cumprir a missão de entregá-lo (ou pedir que entreguem), ao final da minha vida, a meu filho. Nossa missão, minha e desta linhagem paterna que me trouxe até aqui, é transmitir o tempo ao próximo, como um bastão em uma corrida de revezamento. O relógio de bolso já parou, há tempos. Mas seguimos na corrida para que o tempo continue sendo transmitido, nesta família. Fiquei pensando no tempo que me foi entregue, se eu o mando para que um relojoeiro o conserte, se é que tem conserto, o tempo. Quais demoras, quais permanências, quais velocidades, quais experiências de tempo este legado oferece?

Conheço parcialmente o que meu pai fez com seu tempo enquanto cuidava do relógio de bolso. Sei que uma grande parcela dedicou à leitura. Muita leitura. No final de sua vida, pegava emprestados os livros na loja de conveniência do Mário, que mantinha uma estante disponível aos clientes mais próximos, ou aguardava as vezes que eu me fazia de bibliotecário: em seu último aniversário dei a ele "A Queda do Céu". No entanto, meu pai já não comprava ou guardava livros, com exceção de dois, aos quais dedicava bastante zêlo.

Um deles me deu de presente na última visita que me fez, a única em Foz do Iguaçu. Trata-se de “As Gemas do Mundo”, de Walter Schumann, editado em 1985. É um livro técnico sobre minerais, pedraria, técnicas de lapidação, identificação e classificação das “gemas”, como são chamadas as pedras preciosas. No começo da década de 1980, quando nasci, meu pai trabalhava na Mineropar, estatal ligada ao setor de mineração no Paraná. A beleza das dezenas de imagens coloridas impressas foi objeto de meu encanto desde criança, quando meu pai evocava o livro para classificar alguma pedra diante da qual estivéssemos. Os minerais e seu tempo, as dezenas de milhões de anos.

O segundo livro só coletei quando arrumei as coisas de meu pai, após sua morte. Trata-se de uma edição de 2006 de “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa. O livro-oráculo que se abre ao tempo. O tempo de Riobaldo, de Diadorim, do Sertão. O tempo-instante, “que empurrou morros para passar”. Com a gratidão da companhia de meu pai, reinício esta leitura e logo encontro algum conforto. “Como é, então, que um se repinta e se sarrafa? Tudo sobrevém. Acho, acho, é do influimento comum, e do tempo de todos. Tanto um prazo de travessia marcada, sazão, como os meses de seca e os de chuva.” Obrigado, meu pai, pela missão de portar o tempo.

Fabio Salvatti

Performer, diretor teatral e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foi professor do Departamento de Artes da UFSC de 2010 a 2021. Fez pós-doutorado em Estudos da Performance na NYU / Instituto Hemisférico (Nova York, 2015). É Doutor em Artes Cênicas pela USP (2010) e Mestre em Teatro pela UDESC (2004). Seus interesses estão focados em humor, ativismo e pedagogias radicais em performance. Como diretor teatral, trabalhou em cerca de 30 espetáculos em diversas cidades brasileiras. Foi coordenador do Estúdio de Arte Rebelde, e atualmente é co-coordenador do coletivo Poéticas do ENTRE. (<https://www.poeticasdoentre.com.br/>)



Aforismos sobre el escritor y la escritura

Diego Chozas

En agosto de 2015, el geólogo Raúl Pérez descendió los 1.600 metros de la sima del Cerro del Cuvón, la más profunda de España, y a su regreso pudo confirmar a los medios que tampoco allá abajo se encontraba la inspiración.

Si la genialidad depende en un 90% de la transpiración, el mejor momento para crear es, sin duda, el verano.

Todos los escritores son médiums de su otro yo.

El escritor, como las partículas elementales, es un fenómeno que no puede ser observado directamente, sino apenas por los rastros que deja.

Los escritores son complejos seres de fósforo, sin luz propia, que sólo encuentran su sentido en la oscuridad, tras haber estado expuestos a la luz exterior.

Hay animales que viven en el agua, hay otros que viven en las rocas, otros viven en las ramas, en los hilos y en los filos de los muros. Hay animales que viven en el día, y otros que viven en la noche. Hay animales que viven, quizás, en planetas distantes. Y hay animales, también, que viven solo en el silencio.

Reconozco que mis actuales proyectos literarios son poco rentables. Algo así como querer poner tren de alta velocidad entre dos ciudades abandonadas.

Me pregunto si esta frase que estoy escribiendo forma parte del Producto Interno Bruto.

Diego Chozas

Profesor del Área de Letras de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA). Es especialista en literatura de viaje y en enseñanza del español como lengua extranjera. Como escritor, ha publicado el libro de viajes *Los pasajeros* (Diputación Provincial de Zaragoza), la colección de relatos fantásticos *Hipersomnia* (editorial Saco de Huesos), el libro de aforismos *Incumplir los años* (editorial Comuniter), y la serie de novelas infanto-juveniles *El Club Edison* (editorial SM, en coautoría con David Lozano). Blog: *La esquina lenta* (<http://diegochozas.blogspot.com/>); cuenta de Twitter: <https://twitter.com/DiegoChozas>



Breve e inexacta historia del grupo sudacas

[Con un largo y tal vez innecesario preámbulo personal]

Enrique Padilla

Conocer a Iván Ulloa en Foz de Iguazú, en la Tríplice Fronteira, en un célebre bar de la avenida Argentina donde suelen reunirse los estudiantes de la Unila, reanimó en mí a una plantita marchita que yo había escondido en un cantinho de mi corazón, lejos del sol y de las risas imaginarias de la platea. Eso fue allá por 2017. Yo tenía ya bastante experiencia en talleres literarios y había publicado algunos libros en México, pero antes de poner el pie en su oficina bilingüe, me había convertido en el peor tipo de escritor que existe: el que ha regresado al clóset. Aclaro: no me parece que esté mal escribir sólo para un@ mism@, esperar a que la Muerte descubra nuestro baúl de poemas. Lo que sí considero una falta de compromiso es volver a la seguridad del armario cuando la reacción a nuestros textos no es la que esperábamos. Nadie que escriba puede arredrarse ante la mirada externa, porque ella es el complemento indispensable para el acto creativo, casi digo mágico, que es la literatura.

Y sin embargo, a pesar de tan bravía reflexión, el no haber obtenido, en mi país, antes de viajar a Brasil, ciertos premios y ciertas becas muy codiciadas por los autores de mi edad, pesó bastante en mi ánimo y en mi disciplina para escribir. La maestría primero, y el trabajo después, me hicieron poco a poco convencerme de que quizá yo no era, después de todo, un escritor, y que, en todo caso, la literatura podía ser para mí más un pasatiempo que una vocación. No obstante, aquella noche en que Gastón, el chileno dueño del bar Sudacas, me presentó a Iván, pensé que podía darme una última oportunidad, una especie de

ultimátum para la plantita: te voy a echar agua, y si de todas maneras te mueres, pues ya ni modo.

Hubo algo que me pareció distinto desde la primera sesión del taller a la que asistí. No era sólo lo evidente, la mezcla de naciones latinoamericanas de las que provenían sus integrantes –una paraguaya, una brasileña, un español, dos uruguayos–. Tampoco la fluida alternancia entre español y portugués, que quizá sorprenda a cualquier persona externa, pero que es el pan cotidiano de la Universidade Federal de Integração Latino-Americana, fundada por Lula en 2010. Ni siquiera el hecho de que, a diferencia de los talleres en los que estuve en México –que por lo general tenían lugar en edificios históricos convertidos en centros culturales–, aquí el trabajo sucedía en dos bancas opuestas de un área verde del campus, frente a la mirada indiferente de los demás estudiantes. No: más bien era la genuina voluntad de comprender la propuesta de cada participante, un verdadero y raro interés en colaborar para mejorar tu obra.

Quisiera aquí hacer un paréntesis. Desde mi muy limitado y cuestionable punto de vista, el sistema mexicano de becas y estímulos a la creación de arte en que me formé como autor, si bien ha permitido desarrollar una infraestructura cultural que es referencia en América Latina, también ha tenido algunas consecuencias indeseables. La primera y la peor ha sido mantener a muchos escritores encerrados no ya sólo en una torre, sino en una ciudadela de cristal, donde llegar a los lectores se vuelve menos importante que asistir a encuentros, ganar becas y premios, quedar bien con todos o pelearse con algunos para ganar notoriedad. La segunda es cierto clientelismo, debido al cual los escritores consagrados sancionan el destino de las nuevas generaciones, muchas veces según sus amistades o apetencias personales.

Y una tercera, menor pero perjudicial, es crear una competencia frívola entre innumerables jóvenes promesas, que acaban confundiendo su ego con la creación literaria y la calidad del arte con el cheque mensual al portador. No digo que siempre sea así, pero con frecuencia los asistentes a un taller literario o son rivales a vencer, o son –para decirlo en buen mexicano– pollos a los que hay que maicear. Quienes no han alcanzado el éxito a los 35 años, la edad a la que se deja de ser un “joven creador” según las categorías institucionales, se vuelven cartuchos quemados, almas en el limbo a quienes se compadece o de las que se rehúye por miedo a convertirse en una.

Nada de lo anterior estaba presente en el taller de la Unila. Nadie tenía pretensiones de ganarse cosas, ni veía a los demás como competidores por prebendas. La motivación de los presentes era aprender; el ambiente era bastante relajado y la crítica, una curiosidad, una búsqueda propia. Cuestionaron el ritmo del texto que presenté: la falta de tempo a la hora en que los protagonistas atravesaban un lago, y que justo yo había abreviado para que la historia no se hiciera fatigosa. La sesión siguiente fue similar. Esta vez la sostuvimos en un salón de clases vacío, por la que paseaba un gatito con diarrea al que Aracely, uruguaya, había rescatado. Iván propuso algunos ejercicios, y yo comencé a entender la indagación en la escritura de cada participante regular. Con el paso del tiempo, en vez de adquirir mayor institucionalidad –ya que después de todo, se trataba de un proyecto de extensión universitaria–, el taller se volvió todavía más casual, y las sesiones comenzaron a suceder en la casa de alguno de los diversos participantes. Recuerdo algunos almuerzos en el departamento de Iván, un churrasco en lo de Mariano –el otro uruguayo del grupo–, sesiones en las que yo fui el anfitrión y que se interrumpieron para probar comida mexicana.

Otras se hospedaron en el bar que mencioné al principio, Sudacas, en la noche temprana antes de la llegada de los clientes. Iván, el español, o para ser más precisos, el gallego que nos coordinaba, lejos de la pretensión de tener la última palabra, acabó participando como un tallerista más, y expuso a nuestros comentarios textos que evidenciaban su gusto por la poesía experimental y las novelas de espionaje y ficção científica.

Sujetos al ritmo de los ciclos escolares, hicimos una pausa larga a fines de año, durante el verano del sur. A la vuelta, no obstante, compartíamos la saudade por nuestros encuentros. Ara dejó de ir, pues su tiempo en la universidad había terminado, pero ganamos a una representante de Colombia, Mildred. Carol, brasileña, era la única de los participantes regulares que escribía en portugués, y nos desafiaba con relatos de excelente calidad, en que buena parte del contexto, de los sentimientos de los personajes y las ideas clave, estaban implícitos, fundidos en la naturalidad del lenguaje y la sociedad contemporánea, y debían ser reconstruidos por la perspicacia del lector.

En cuanto a mí, sería vanidad enaltecer mi propio trabajo, pero sí quisiera compartir uno de mis hallazgos. Rodeado de un entorno de auténtica confluencia latinoamericana, pude completar el rompecabezas de mi género predilecto, la fantasía, con una pieza que vislumbré, pero no llegué a descubrir en México: la decolonialidad, entendida como la urgencia de reconquistar reinos de la imaginación que, en la cultura occidental, parecieran patrimonio exclusivo de una mentalidad eurocéntrica y anglosajona –léase de elfos y orcos y caballeros a la Tolkien–.

Para mantener el carácter institucional del proyecto y abrir la convocatoria a otros talleristas, Iván creó un segundo espacio, al que se integraron nuevos participantes de varios rincones de Abya Yala, en un estadio de trabajo más incipiente que el nuestro.

Algunos, sin embargo –como Juliana, de la siempre bienvenida Colombia, o Eileen, compatriota mexicana–, acabaron por incorporarse al taller más consolidado, y al que me gusta llamar, por el bar que nos alojó y nuestra pertenencia al Sur global, como Grupo Sudacas. Pensándolo así, tan resumidamente, sobrevolando apenas meses y meses de lecturas, correcciones, ejercicios, porros, cigarros, vino, cerveza, té y café, siento que estoy dejando fuera lo esencial, el oficio, el consabido oficio de pulir, reacomodar, echar pa fuera lascas y rémoras, mejorar nuestras palabras verso por verso, párrafo a párrafo. También me pregunto a quién puede importarle ese trabajo, la esencia del taller que es colectiva e íntima a un tiempo, y cuya finalidad última, más que el acabado de una obra, es a mi parecer el desarrollo de una consciencia artística. Hay quien nunca lo descubre, pero tallerear es descubrir los propios prejuicios y aceptar con humildad la imperfección de nuestros textos, la necesidad de volverlos interesantes ante otro, en vez de vanagloriarnos de nuestras metáforas, o quejarnos de ser incomprendidos.

Mi experiencia como estudiante en la Unila concluyó en 2019, pero el taller perduró todavía, de manera virtual y con ciertos periodos de asueto, hasta los meses de la pandemia, a mediados de 2020. Nuevos integrantes llegaron y se marcharon, nuevas propuestas, inquietudes, formas de entender la escritura y el mundo. El taller le devolvió la vitalidad a mi plantita, que si bien permanece todavía un poco en la sombra, ahora está bastante sana y se ha vuelto un poco impúdica. Sin embargo, el fantasma del joven creador que ya no soy me acosa con varias preguntas, que en realidad son la misma: los integrantes del Grupo Sudacas, ¿tendremos éxito? Es decir, ¿seremos famosos algún día? ¿Ganaremos becas y premios? ¿Nos leerán los lectores después de que hayamos muerto?

No lo sé. Sé que el taller alimentó nuestra voluntad y disciplina. Que nos trajo alegría y amigos, y nos permitió redondear poemas, relatos, incluso algunos libros. Que nos adentró en géneros nuevos. Por otra parte, cuando quiero ser optimista, me digo que, en potencia, tenemos a América Latina entera respaldándonos. Pero lo más honesto que puedo decir es que el taller me reconcilió conmigo mismo. Con o sin premios, con o sin lectores, ahora sé que soy un escritor, que esto vine a hacer al mundo. Y por ello, Iván, Carol, Mildred y los demás integrantes del Grupo Sudacas contarán siempre con mi gratitud.

Tlaxcala de Xicoténcatl, México, a 5 de noviembre de 2022



Sueña el príncipe

Enrique Padilla

En tres mil años, descubrirán mi tumba. La gran mentira estará contada en los frescos de la cámara. Conquistas que nunca ocurrieron, batallas que jamás tuvieron lugar, y yo de pie en el carro con el arco presto y los caballos bien sujetos por la mano del auriga. Encontrarán la máscara funeraria y el escarabajo azul, las joyas, las armas, el oro y las gemas, y en mi mano derecha el único objeto que fue realmente mío: un bastón de bronce. Una prueba no de mi potestad, sino de mi deficiencia.

¿Qué sabrán los descubridores de estos pies zambos y mi cadera comba, de mis huesos frágiles, de mi lengua que articula con la lentitud de mis pasos? ¿Qué sabrán de este sol que me aplasta como una pata de buey, de lo difícil que es andar el trecho desde la puerta hasta el palco del palacio, donde el pueblo me recibe con vítores, para después burlarse de mí en la sombra?

Tal vez puedan rastrear el origen de mis deformidades hasta el amor de mis padres, un hermano y una hermana que se amaron, según la costumbre de nuestro pueblo. Pero no conocerán nunca sus hazañas en los lechos de pluma, las sonrisas que se dedicaban al encontrarse en los corredores, o el cariño genuino que me brindaron a pesar de mi cuerpo y que, desde su muerte, intento suplir con la cálida piel de las concubinas.

Fueron los sacerdotes. Los ejecutaron por apartarse de los dioses que los gobernantes habían seguido por milenios. Envenenaron sus copas y los enterraron en mausoleos espléndidos, y luego arrojaron sobre mis hombros el manto de soberano y colocaron sobre mi cabeza el tocado de la serpiente, a sabiendas de que sería

un instrumento suyo, un muñeco de carne para ejecutar su voluntad. Eso fue hace mucho tiempo. Ya no me lastima tanto. Se podría decir que me he resignado.

Ahora, mientras el sol de la tarde se hunde en la arena, los remedios que me han dado los médicos crean ante mis sentidos visiones de otras vidas y otros tiempos. Ciudades, lugares, donde no me rodea el oro sino la inmundicia, y mi cuerpo se roza cada día, a veces violentamente, con el de mis semejantes. Esa otra tumba, más real que la verdadera, será una fosa donde cabrán muchos otros. Pero el cuerpo con que me entierran es el de un hombre: muslos duros y firmes, hombros anchos y huesos inquebrantables. Y el amor que esa carne habrá recibido será también certero y fértil como el limo.

Enrique Padilla

@umafantasiasur



O Flagelo

Carolina Guerra



O flagelo tem tiras de couro. Uma ou várias delas presas num cabo. Flagelo também são os dedos vermelhos de força que o agarram. O sangue que pulsa na testa, dentes cravados. Satisfação encoberta pelo estalo do açoite. Mais humano que coisa, mais forte que gente. O flagelo é conhecido por essas bandas como silêncio do corte aberto.

Já é tarde e Cássia fecha a porta. Tem no bolso um pote de creme mentolado, fecha os olhos e massageia os pés. Escuta a menina resmungar no quarto ao lado, mas não se mexe. Resolveu que era hora dela aprender a dormir sozinha no berço. Contava o tempo pra ver se era menor que na noite anterior. Cássia espera que o choro do outro quarto cesse. Aí então chora ela sem ruído cheirando as mãos de menta.

Toda madrugada as mãos de menta e a procura de promoção de vôo pro Brasil.

Dorme soluçando conivente com seu desespero.

Era a única que visitava.

Um tio distante e incrédulo o abrigou debaixo de seu teto. Ele morava agora onde o ar soprava mais limpo e o sol não tinha pressa. Tanto gostava daquele lugar que nunca mais pensou em nada. Nem na casa que passou a vida destruindo e remendando. Nem nas pessoas que deixou sem conserto.

Mas Cássia vinha. Dizia saudades e preocupação. Bebia a cerveja preta e brindava o perdão divino. Tinha fé de caminhar sobre

águas passadas e dores que inundaram anos e casas e corpos. Acreditava que Deus falava com ela enquanto abraçava o flagelo de seus dias.

Estava preocupada, mas não tocava no assunto. Pensava no futuro no advogado na consulta do médico. Perguntava da perda de peso do medo do arrependimento da vida longe da cidade do cuidado dos outros. Cássia olhava com raivalívio. Não sabia se ele devia tremer e chorar e temer e implorar e perder os cabelos da cabeça, ou se bastava a cerveja preta e a serenidade do olhar de quem vê o por do sol mais bonito cada dia e cada dia a calma sem culpa e a comida no prato. Cássia não sabia. Estava dividida entre a vida dele e sua própria sanidade.

“Pai, eu achei daquele creme igual o seu pra comprar na Argentina. O cheiro me acalma.”

Sem trânsito dava pra chegar no Taboão em duas horas e meia. Tomavam a última garrafa de cerveja. Cássia contou cinco pássaros pousando na varanda. Um por um apressados de volta ao bando, barulho agudo anunciando chuva e as asas que cortavam a falta de nuvens. O céu limpo desafiava o prelúdio dos pássaros enquanto Cássia pedia bença e dizia “Eu sei pai, tô tentando resolver.”

Pesar no corpo na cabeça na bolsa dos olhos. Silêncio agora de ar sem pássaros na rodovia. Cássia desabou no acostamento antes da vida derramar a fúria da tarde. Não tem teto que baste a água dos olhos de Cássia. Os dedos nervosos vermelhos agarrados ao volante. Flagelo da carne que não olha os dois lados antes de atravessar a rua.

Chegar antes da chuva. Quer ver a mãe antes que venha chuva. Antes que afogue as minhocas da terra que nada salva nada brota nada fica nada nasce. A terra cabada cravada debaixo das unhas

barrentas e as costas cavadas de ontens.

É humana também a chuva. Tem um rosto carregado e vasto de rudeza. Traços de violência, até. Tem o rosto daquele que Cássia vê a cara em todo canto em toda placa em toda dor que amanhece ainda dormindo. A chuva é gente que desgraça as ruas as casas pessoas molhadas debaixo do viaduto de medo e de frio.

No Taboão tudo tudo era ruína, o chão da cozinha afundava debaixo da geladeira. Tinha mais mofo que parede e mais buraco que telha. O sofá sozinho rasgado, não tinha mais retrato na sala. Cássia virava pra olhar outra coisa e emendava uma fala na outra pra não sobrar tempo de falar do desgosto. “Mãe, olha como tá madurinho o maracujá. Trepou tudo encima das árvores. Esse suco é do pé? Tá tão docinho, nem parece daqui do quintal.”

Mas de um golpe a outro tem a pausa.

A mesma mão que segura o flagelo seca a testa.

E tudo, gente e coisa vira um.

Não demora vem outro golpe e o dia desaba na casa, grossos pingos atravessam o telhado depressa. Cássia arrasta os baldes junto da mãe e não há quem dance batucada tão triste. Gotas que se juntam go depois tá no fundo da bacia.

É eu fui ver meu pai hoje. Gota. Não, o tio não tava lá. Ele tava sozinho em casa. Gota. Ah, parecia bem, tava calmo. Por que?. Gota. Mas eu tava lá ainda agora. Ele comentou de alugar uma casa em Araras mas... Eu tava lá inda agora! Gota. Faz tempo isso? Por que ninguém me disse nada? A gente só tomou cerveja, ninguém me disse nada. Gota. Aconteceu de novo. Como assim aconteceu de novo? Como pode sendo que eu tava lá, eu tava lá. Gota. Mas quem disse quem pegou quem viu quem tem certeza quem é a menina? Gota. A filha? Gota. Puta merda.

Nove anos, uma criança. Gota. E o tio disse que vai entregar, mandou ele sair de lá. Puta merda. Gota. Gota. Go-ta. Go-ta. Go ta.

O flagelo tem uma ou várias tiras de couro presas num cabo. Uma ou várias vidas presas num membro. Tem uma mão de gente que segura com força tem raiva tem desprezo tem prazer a mão que levanta e desce levanta e desce e outra e várias vezes mais. Um e dois e três estalos estocados, o flagelado fecha os olhos do mundo no silêncio do corte aberto. O corte aberto chora entre as pernas infantis de um dia que não amanheceu. E Cássia se tranca no quarto. As mãos meladas de menta sufocam os olhos o nariz a boca a cara toda. “Meu pai não é pedófilo. Meu pai não é pedófilo. Meu pai não é pedófilo”.

Carolina Guerra

29 anos, se interessa pela construção de espaços de criação coletiva e novas formas de se pensar e fazer literatura, pôde participar pela primeira vez de uma oficina de criação literária aos 18 anos, em Diadema, cidade onde cresceu e descobriu sua paixão pela escrita. Viveu em Foz do Iguaçu de 2014 à 2018, onde se graduou em Letras, Artes e Mediação Cultural pela UNILA, colaborou com o projeto de extensão Direito à Poesia, além de mediar oficinas de livros artesanais e participar do Laboratório de Escrita Criativa, importante marco em sua trajetória. Atualmente reside em São Paulo, atua na área de experiência do cliente e busca maneiras de manter a literatura viva dentro de si, apesar do caos da capital.



Ley Seca

Eileen González Zapata

Cancion Tangu Yu
<https://youtube.com/watch?v=gZs09C9Fx2s&feature=share>

Ella: ¿Qué hora es?

Él: Son las 4 de la mañana

Ella: Siempre despierto a esta hora y ya no puedo dormir hasta que amanece. Él: ¿Por qué, tienes miedo?

Ella: No, simplemente no puedo dormir y me frustró... y pienso... a veces me pongo a pensar que estoy embarazada, la idea de tener un bebé me gusta; entonces fantaseo con eso, tener una panza enorme y prepararlo todo para dar a luz en un escenario perfecto, ya sabes, una casa linda, un empleo bien remunerado, un perro, parto en casa una onda hasta medio hippie (se ríe). Que bueno que te quedaste a dormir, así por lo menos platicamos y el insomnio se hace más ameno. Igual coger me hacía falta.

[Silencio]

Él: Sabes que eres parte importante de mi vida, y bueno, hay algo que no te he contado, o sea de la situación por la que tuve que salir de la casa donde estaba rentando a donde vivo ahora.

[Silencio]

Ella: A veces de tanto imaginar que estoy preñada sueño con eso, pero en mi sueño estoy embarazada de algún tipo equis, con el que cogí solo para satisfacer la necesidad y no por el mero gusto o amor y además es un tipo feo. Tengo la teoría de que los feos

cogen mejor, entonces de vez en cuando me levanto a alguien así, feo, para que me coja rico. Entonces, en el sueño sufro porque no quiero tener un hijo con alguien... para empezar feo y luego que el vato sea básicamente un puto desconocido. Y cuando despierto sufro igual porque en realidad no estoy embarazada.

[Silencio]

Él: Una vez salí con una chica que vivía en un castillo en Edimburgo, ella estaba casada con un caballero inglés, yo trabaja cuidando de sus bebés. Ellos tenían problemas porque él era un controlador, machista, celoso, y bueno, yo pasaba mucho tiempo con ella y terminamos sintiéndonos, queriéndonos, deseándonos. Por las noches venía a mi habitación y hacíamos el amor. Era difícil a veces porque los fantasmas curiosos nos veían hacerlo. En ese castillo había más fantasmas que vivos habitándolo. Uno ya se acostumbraba. Cuando llegué a trabajar ahí, ellos, la pareja, me presentaron a todos los fantasmas, que se formaron en línea justo detrás del resto del personal que trabaja ahí, es una cosa protocolaria de la nobleza en los castillos en Inglaterra. El esposo, después de los dos meses de mi romance con esa mujer, comenzó a sospechar. Hubo una vez que yo estaba en la habitación de ella, era un domingo por la tarde y acabábamos de darle de lo lindo, en eso me dieron ganas de cagar y fui al baño... fue horrible, el esposo entró a la recámara y comenzó a gritarle amenazando con matarme por aquella aventura, ella lo negaba todo mientras yo intentaba apretar mis intestinos y todo para no soltar el mojón en la taza, para que no fuera a escuchar el *splash*. Él afuera gritando I'm gonna kill that Spanish cunt, yo dentro del baño apretando el culo (se ríe).

Al final me dolió dejarla, dejar a los niños, de alguna forma teníamos una familia. Solía cantarle a los niños para dormir una

canción quechua. (canta como susurrando)

*Valicha, lisa pasñaqa
Niñaschay deveras
Maypiraq kasanki*

*Qosgo urapi ñachu
Niñaschay deveras
Imatan ruwasian*

*Qosqoman chayaruspari
Niñaschay deveras
Imata ruwanka*

[Silencio]

Ella: Yo no puedo tener hijos, tengo un problema en mi útero y además tengo ovarios poliquísticos. Creo que por eso me gusta mucho la idea de estar embarazada, desde hace un par de años siento esta necesidad, sobre todo por las mañanas. También el sexo me frustra, me cuesta mucho mojarme, te diste cuenta... estoy seca, hace mucho que no tengo un orgasmo. No sé por qué, lo intento y lo intento pero yo estoy... seca.

Él: Te gusta así, despacito... ¿ahí?

Ella: Sí justo ahí, así, ahí me gusta.

[Silencio]

Ella: Si te cansas podemos descansar, te digo que es inútil, estoy seca. Tal vez es porque estoy nerviosa, o medio estresada. Pienso

en nosotros, en ti. Tengo miedo de que me lastimes, que me enamore de ti y luego... desaparezcas. Entonces, si me enamoro yo me voy a acostumbrar a contarte mis cosas, lo que hago para la comida, mis caminatas diarias, las películas que veo, la música que escucho... y te vas a ir... y te vas a llevar tus caricias y me voy a quedar con las ganas... de verte junto a mí por las mañanas un día y al otro... Despierto, te busco con mis manos, abro los ojos pero tú ya desapareciste. El amor es así como una droga, porque se trata de oxitocina, endorfina, dopamina, serotonina, cuando te quitan todo eso viene el síndrome de abstinencia, es horrible. Hasta de amor se seca uno. Generalmente intento distraerme, alejarme de esa idea.

Pienso mejor que estoy preñada, que tengo una barriga gigante, que estoy contenta cocinando descalza, en una cocina linda, mientras escucho música y canto. Hay una canción zapoteca que mi mamá me cantaba durante las noches cuando era pequeña y me daba el insomnio, porque tenía miedo de los monstruos. Mamá me cantaba esa canción porque tenía nostalgia de su ancestralidad zapoteca, era el único momento que tenía para usar el zapoteco. Ella cantaba así:

Má biaaze gueela xhiine
gusi xhuncu ládxe duá
guixhi sedó naa chizié
tangu yú canábu naa

tangu yú, tangu yú
tangu yú ni raca Bixhana
Tangu yú, tangu yú
tangu yú, xquite ti bádu zá

zaxié pé ti tangu yú
ti guiete naládxu naa
ni choo ládxu, ni scarú
bádu ró, xhiine gaana

tangu yú, tangu yú
tangu yú ni raca Bixhana
Tangu yú, tangu yú
tangu yú, xquite ti bádu zá

[silencio]

Él: He dejado de vivir en la casa anterior porque tuve problemas con la dueña, se puso bastante pesada conmigo y terminó literal, echándome de ahí. Ahorame mudé a otra casa, está justamente enfrente, tiene un patio lindísimo, se puede llegar al río. No había querido decirte, bueno, más bien tenía miedo de decirte porque, no sé... la chica que me ha rentado, bueno, estamos como que saliendo. Y nada, para mí eso no cambia nada de lo que siento por ti. Yo he hablado con ella de ti, de lo que hemos vivido juntos, de lo importante que eres para mí, y de lo mucho que disfruto de tu compañía. Tenía miedo de contarte y perder todas estas cosas.

[Silencio prolongado]

Ella: Creo que ya es hora, ya amaneció. Tengo sueño, debo dormir.

Él: ¿Vas a soñar conmigo? ¿Puedo entrar en tu sueño y acompañarte un poco?

Ella: No... sé, no creo que sea posible. Ni siquiera sé si me pueda dormir porque hasta para eso estoy seca.

Eileen González Zapata

Soy Eileen G. Zapata, escribo porque me apasiona crear historias, mover personajes entre paisajes nada idílicos, que se mueven entre la tensión, las pasiones, el dolor y la esperanza. Orgullosa de haber nacido en Veracruz, Abya Yala es mi patria. Soy licenciada en lengua inglesa, traductora y profesora de idiomas. Ahora estoy finalizando Letras artes y mediación cultural en UNILA. Me encanta el vino, la cerveza, el mezcal y la comida mexicana, porque sin ella no soy.



Comuna Vírus!

André Kaysel

Caia a tarde, o sol poente avermelhava a fachada branca do grande Hospital situado a duas quadras da grande avenida, quase sempre tão movimentada, mas que naqueles dias de quarentena andava em assustadora calma. Lá dentro, no corredor central do hospital, iluminado por lâmpadas foscas, uma fileira de macas se estendia de ponta a ponta. Nelas adultos de todas as idades, homens e mulheres de peitos chiantes lutavam desesperadamente por reter algum sopro de ar enquanto esperavam uma vaga na UTI. Há dias era assim, a morte nos hospitais parecia ter chegado para ficar. As poucas vagas que sobravam na UTI eram abertas por aqueles que ela levava, dali para as gavetas frigoríficas. Eram tempos de pandemia e pandemônio.

Naquela tarde Maria Aparecida atravessava aquele corredor a passos largos, mais um chamado para ajudar o médico a entubar um paciente. Seus olhos avermelhados denunciavam a falta de sono, por detrás da máscara a respiração difícil acusava não a mortal virose mas sim a fadiga. Quando terminou o serviço o Dr Rubens, o responsável pela UTI, lhe indagou: terminou seu turno, não? Ao que ela respondeu sim doutor, vou dar baixa e chamar a próxima enfermeira, ao que ele respondeu, obrigado, vai descansar um pouco pois todos estamos precisando.

Cruzando o corredor no sentido contrário, a passos mais lentos, dirigiu-se ao vestuário despindo-se lentamente. Passou depois pela enfermagem, assinou os papéis, despediu-se da enfermeira chefe e seguiu dali para a copa, atrás de um café preto que lhe devolvesse os ânimos. Há dias dormia no próprio hospital, longe da mãe e irmã, com as quais vivia, em uma tranquila rua de bairro de casas baixas e poucos prédios. Foi escolha sua: melhor assim, se alguém tiver que pegar essa desgraça, que seja eu, pensava em voz alta.

Chegando à copa encontrou outro funcionário em troca de turno, o Vladimir, um jovem técnico de enfermagem que sorvia um gole de café enquanto olhava para uma pequena televisão de cara amarrada. Quando a viu entrar, apontou para a tela e disse sem mais, viu isso daí?... Nós aqui no meio dessa doideira e essa cambada de filhos da puta lá fora fazendo bagunça! Falta do que fazer, respondeu ela, enquanto abria uma garrafa térmica a procura de um resto de café. Pois é, e tudo isso com apoio daquele lá!, que devia cuidar das pessoas ao invés de ficar atijando baderna contra nosso trabalho, se pudesse voltar atrás não tinha votado nele não, dizia Vladimir. Fez-se então um silêncio cortado bruscamente por um ruído agudo que parecia vir do lado de fora, eram buzinas de automóveis que se sucediam em uma cacofonia que agora parecia não ter fim. Que merda é essa, disse ela?! Deve ser a turma do Bolsonaro descendo a rua, replicou Vladimir.

Fora DORIA! Globo LIXO! Fora China! Vírus COMUNISTA, Governador COMUNISTA, MITO, MITO, MITO! Queremos TRABALHAR!, assim se sucediam os gritos da multidão por entre os ruídos das buzinas de seus carros. Maria Aparecida olhava incrédula aquela pequena malta motorizada de verde-amarelo que rasgava a paz de um sábado à tarde rumo a grande avenida, seu rosto se fechou enquanto ela murmurava, algazarra na frente de um hospital. Os minutos passavam e os gritos e buzinas não paravam, a certa altura os carros se detiveram na frente do hospital no sinal vermelho e o coro dos automóveis soltou uma nota estridente que parecia se prolongar no ar quase em uníssono. O rosto da enfermeira se crispou enquanto ela exclamava: Agora chega, já deu. Começou a gritar da janela: Ei vocês aí mais respeito isso aqui é um hospital, vão para casa, porra!. Lá de baixo a resposta veio de um carrão de cuja janela uma senhora de cabelos loiros e óculos de sol berrou: Vai pra Cuba sua petralha, filha da puta! Mais respeito perua, respondeu Maria Aparecida indignada. Então um senhor de cabelo grisalho pos a cara para fora do carro e gritou: Volta pra cozinha sua preta vagabunda! Ao que a senhora loira assentiu, é isso aí!. Nesse momento aparecida sentiu um nó apertando-lhe a garganta. Engoliu com a saliva um soluço de raiva e recuou um passos da janela. Vladimir, que ouvia tudo, lhe dizia: Oh Aparecida deixa essa gente besta pra lá, não vai esquentar a cabeça não, ao que ela

respondeu não vou esquentar a cabeça uma ova, enquanto se abaixava para agarrar um balde debaixo da pia, enchia de água e completava com desinfetante. O colega que olhava a cena arregalou os olhos e como que adivinhando a intenção por detrás do gesto perguntou: Que que você vai fazer com isso? Sem responder nada ela se encaminhou para a janela e no gesto rápido verteu todo conteúdo para baixo. A água estalou sobre os capôs dos carros, a loira com os cabelos agora empapados e as faces avermelhadas de ódio berrava: Sua PUTA, VAGABUNDA! Comunista de MERDA! Já o senhor grisalho igualmente ruborizado gotejando de suor e água sanitária, secundava: VAGABUNDAAAAAAA! Vou chamar a Políciaaaaaa! A eles se somavam as vozes de outros motoristas, ligeiramente respingados que atiravam outros impropérios ao ar enquanto pisavam nos aceleradores.

Lá dentro sem conseguir conter uma risada nervosa, Vladimir dava uma bronca na colega: Cê é doida mulher! enquanto ela esfregava as mãos, apertava um sorriso e dizia baixinho, bem feito, bem feito! Minutos depois a chefe da enfermagem irrompeu intempestivamente na copa, e perguntou rispidamente: Alguém aqui jogou um balde de água lá embaixo? Os dois se entre olharam e fingindo surpresa perguntaram: Que houve? O chefe da segurança veio me dizer que um policial lá embaixo se queixou de que alguém aqui de cima jogou água suja nos

manifestantes. Fez-se um breve silêncio constrangido, quebrado de repente por Aparecida: com todo respeito, mas a senhora tem de convir que esses policiais são uns abusados! Quando fazemos manifestação em época de greve, baixam o pau na gente. Agora, quando esses engomadinhos ficam buzinando

na frente de um hospital por que não querem ficar em casa, desrespeitando as pessoas doentes, tirando uma com a nossa cara, fazem escolta pra eles?!

A chefe da enfermagem olhou-a nos olhos com ar severo, pensou por um momento e retrucou: olha, Maria, eu gosto do seu trabalho. Você é uma enfermeira antiga e dedicada. Por isso, não vou falar nada a ninguém, mas que isso não se repita, entendido?!

Sim senhora... assentiu Aparecida com ar enfadado. Dando-se por satisfeita, a chefe deixou a sala sem dizer mais nada, afinal, não lhe faltavam problemas naqueles dias e podia muito bem dar aquele pormenor desagradável por encerrado. Então, Vladimir olhou bem para sua colega e, rindo, lhe censurou: viu sua louca, tomou carão e quase se meteu em encrenca! Ela, por sua vez, deu de ombros, despediu-se do auxiliar e deixou a copa para descansar.

Passaram-se os dias: macas e mais macas, doentes e mais doentes, mortos e mais mortos... Eis que, em uma manhã

nublada e fria, Maria é chamada à emergência: vem aí mais um... resmungou. Chegando ao amplo corredor, avistou no fim da fila das macas, uma senhora arfando compulsivamente, lutando contra seus próprios fluidos pulmonares por um resto de ar.

Aproximou-se, e viu o rosto, pálido e lívido, de uma senhora de cabelos loiros: É ela! Pensou em voz baixa, assustada. A doente, em agonia, a olhou fundo nos olhos, parecendo reconhecê-la de algum lugar. Esforçou-se por dizer algo, mas a voz simplesmente não lhe saía...

A enfermeira, atônita, virou o rosto para o chefe da UTI e indagou: Dr. Rubens, como está a ocupação? O médico devolveu-lhe um olhar resignado, deu de ombros e balançou a cabeça negativamente: nada feito!... Só espero que aguente enquanto sai mais um, respondeu baixinho.

Entre perplexa e resignada, Aparecida baixou o olhar à paciente, comunicando-lhe em silêncio a má notícia. Por sua face, caía uma lágrima solitária. A senhora, entre os chiados do peito exausto, com as faces contorcidas de dor e raiva, só pôde fixar um olhar esbugalhado naquele rosto que lhe parecia tão incomodamente familiar.

André Kaysel Velasco e Cruz

É bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) (2008), mestre (2010) e doutor (2014) em Ciência Política pela mesma instituição. Lecionou no curso de Ciência Política e Sociologia da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) (2013-2017). atualmente é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenador do Laboratório de Pensamento Político (PEPOL), vinculado ao Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), do qual também é diretor.

La isla

Iván A. Ulloa Bustinza

“El trabajo es lo más importante”, “Me absorbieron mis problemas”, “Me dejé llevar” y otras frases por estilo eran las justificaciones habituales de Pascual, quien jamás se atrevió a ser sincero consigo mismo, y mucho menos con los demás.

En algún momento, Lucía lo había intentado de veras. Pero sus aproximaciones, cargadas de perfume, ungüentos y ropa interior roji-negra, con velitas y aromaterapia, no dieron resultado. Pascual era de piedra. Para Lucía, sólo había dos respuestas posibles: o bien Pascual se había cansado de ella después de cuatro años de relación, o bien el trabajo lo tenía completamente bloqueado y era presa del estrés.

Una noche, después de intentarlo todo, siendo rechazada por un más que tópico “me duele la cabeza”, decidió tomar las de Villadiego. “Ahí te quedas”, pensó, mientras los ronquidos de Pascual servían como banda sonora para su despedida. Casi rompe las bisagras de la puerta con una patada, pero estaba segura de que Pascual ni se había despertado.

Pascual se levantó y, al notar la ausencia de su mujer en el piso, no tuvo demasiado tiempo para pensar qué había sucedido. Preparó el café como todas las mañanas y leyó

dos o tres artículos en internet. Se vistió y se puso la corbata, se engominó el pelo y comprobó que tenía la cartera y el teléfono móvil. Agarró las llaves del coche y bajó al garaje. Le esperaba otro día de llamadas telefónicas y reuniones intempestivas. Seguramente, cuando regresase, Lucía tendría la comida lista.

Lucía no apareció esa noche ni las siguientes. Las ropas se amontonaban, la suciedad comenzaba a ser visible y había substituido su dieta mediterránea, de ensaladas y vegetales durante la semana, y pescado o carne sábados y domingos, por comida precocinada. Pensó en todo esto al quinto día de su desaparición, mientras esperaba la llegada de una pizza pepperoni doble de queso y con aceitunas.

La tarde del sábado, aprovechando que era fin de semana, decidió empezar a buscarla. Movilizó todos sus contactos pero no pudo encontrarla. Cada llamada supuso para él un aguijón en el costado, pues ante la sorpresa de amigos y familiares, tenía que reconocer que no sabía dónde estaba Lucía, haciendo pública la ruptura. Después de una larga lista de llamadas, Catalina no le dejó hablar:

— Mira cabrón, no sé lo que le has hecho a Lucía, pero esta vez la has cagado. No quiere verte ni en pintura, así que déjala en paz si no quieres que te ponga una denuncia por acoso.

Y le colgó. Sin embargo, Pascual comenzó un asedio de mensajes bastante lacrimógenos con la esperanza de que la dura Catalina le mostrase a Lucía alguna de aquellas claras muestras de arrepentimiento, aunque sólo fuese para reírse de él.

La estrategia pareció tener efecto. Recibió un lacónico mensaje de Lucía como una grieta en el muro de silencio que se había erguido entre ellos. Así que, invadido por la emoción, siguió adelante con su plan para redimirse.

Pascual compró en la agencia de viajes siete noches en las Islas Solucas. Aquel lugar tenía para Lucía una significación especial. De niña las había visitado dos o tres veces con sus padres, cuando estos, sin abandonar todavía ciertas veleidades hippies, ya podían permitirse unas vacaciones en la otra punta del país. Las islas, con sus playas vírgenes y sus agradables rutas de senderismo se le ofrecían a Pascual como el lugar perfecto para desconectar del trabajo y centrarse en reconstruir su maltrecha relación. Lucía, todavía bastante dolida, aceptó a regañadientes.

Pascual se levantó de madrugada. Tenía el cuerpo lleno de picaduras de mosquitos. “Así no hay quien duerma. ¿Por qué no habré elegido un hotel de tres o cuatro estrellas, de esos herméticamente cerrados y con aire acondicionado?”.

En aquellas islas vírgenes no había hoteles y por la agreste vegetación que rodeaba el camping circulaban todo tipo de bichos con su variado repertorio de bufidos, vibraciones, siseos, aullidos, lamentos, carcajadas y, en fin, todo el muestrario de efectos sonoros que a las tres de la madrugada provocan que una mente un tanto fantasiosa se imagine un sinfín de maneras de morir.

Se sorprendió al constatar que Lucía no estaba allí. Abrió la tienda de campaña y dudó unos segundos, pero no dejó que el miedo atenazase sus nervios. Dio unos pasos en dirección a la cantina, cerrada a esas horas, y se detuvo a contemplar el firmamento: millones de cuerpos celestes en la inmensidad de la noche. Fue recordando la noche anterior: cócteles en el quiosco de la playa, conversaciones interminables, bailes desacompañados. Imaginó que se había retirado a tiempo, antes de caer desfallecido en medio de la fiesta, y que probablemente Lucía, que había bebido de una manera más pausada, todavía estaría allá, divirtiéndose.

A lo lejos, detrás de una loma creyó advertir un resplandor y, aguzando los sentidos, escuchó golpes de bongós y algo así como cascabeles, alternados con gritos tribales. Todavía adormecido, decidió adentrarse por la senda que, saliendo del camping, bordeaba la playa y las calas entre grandes peñascos. La luna llena iluminaba la bahía y su larga cola

de seda dejaba ver algún que otro pequeño barco pesquero que parecía levitar.

Le sobresaltaron movimientos bruscos entre la maleza, búhos noctámbulos que lo observaban con sus ojos abiertos como platos, la sirena de las cigarras y otros sonidos que no pudo identificar.

El sendero se adentraba en el interior de la isla, por lugares que solo los campistas más intrépidos, en sus rutas diurnas, se atrevían a recorrer, mientras el grueso de los turistas se limitaba a sentarse en la terraza de la cantina ante grandes jarras de vino con gaseosa y opíparas bandejas de marisco y pescado frito.

Se detuvo ante una bifurcación del sendero: podría aventurarse cerro arriba, en una ruta de varios kilómetros que seguramente desembocaría en un mirador espectacular, con vistas a la cara sur del archipiélago, o bien podía descender por una pendiente en la que la maleza, como una cúpula, no dejaba pasar la luz: opción más asequible para el viajero frugal que se aventura insomne a altas horas de la madrugada. Además, el sonido de los bongós y los cascabeles y el resplandor como de luciérnagas danzantes se adivinaba allá, al fondo, del otro lado del pasadizo vegetal que, como un umbral de verdes guirnaldas, Pascual estaba a punto de cruzar.

De pronto, algo o alguien de formas indefinidas se abalanzó sobre él y entonces despertó bruscamente en la tienda de campaña. A su lado, Lucía dormía profundamente, semidesnuda, con medio cuerpo fuera del saco de dormir.

Lucía había bailado al ritmo de la salsa, en el hexágono de bambúes cubierto de hojas de banana, como si no existiera el pasado ni, mucho menos, un mañana. Hacía tiempo que no sentía algo igual, pero aún no había tenido tiempo de definir aquellas sensaciones, ni pensaba hacerlo en las próximas horas.

Tal vez el tequila, los mojitos, aquella calada de marihuana que le habían ofrecido, el marco incomparable de aquella isla paradisiaca, habían actuado como un reconstituyente mostrándole que la vida siempre podía sorprenderla. Sentía todos los corsés que, desde niña, la hubieron ceñido, de repente cediendo como si una fuerza interior hubiera reventado las costuras.

Bailó y bailó sin preocuparse de que un movimiento brusco dejase a la vista una pantorrilla o una parte de los glúteos y, mientras bailaba, ya no perseguía con la mirada los movimientos de Pascual, cada vez más borracho, deambulando como una sombra por el perímetro de bambúes. Bailó, aferrada a aquel cuerpo bronceado y, horas

más tarde, seguiría recordando la sonrisa sincera, el cabello y la piel dorados por el salitre y el sol, los pectorales tersos y el abdomen vibrante del hombre que la envolvió con un ritmo cadencioso y sensual.

La bajamar la sorprendió con un regusto de saliva con salitre; piel y músculos meciéndose en una hamaca a la sombra de dos cocoteros con el mar susurrando una nana primordial, observando un tatuaje en un hombro que mostraba una mujer desnuda entre las tenazas de una langosta gigante.

Salió de la hamaca con cuidado de no despertar al hombre. Saboreó de nuevo recuerdos fragmentados. Venían entrelazados de sensaciones olfativas, táctiles, visuales. No había culpa, ni tampoco vergüenza. Recogió el fular que había quedado colgado de una rama y, tras encontrar sus sandalias, se dirigió a la playa. Se metió en el agua y fluctuó durante unos minutos intentando no pensar en nada. Después regresó a la tienda de campaña.

La mañana acogió a Pascual con un barullo de chiquillos corriendo alrededor, con bufidos de cafeteras y gritos de gaviotas, mientras el oleaje tejía incansable un vaivén de vibraciones salitrosas. En la terraza del bar, un tipo de barriga prominente y ojos amarillos bebía un gin tonic. Pidió un café con leche y se dispuso a leer el periódico.

No recordaba casi nada de la noche anterior, excepto la llegada al baile y unas cuantas sensaciones que había traído de un sueño extraño en el cual caminaba siguiendo el ritmo de unos bongós obsesivos. Se preguntó si, en el transcurso de la noche, había ocurrido algo de lo podría arrepentirse. La lectura de las noticias, especialmente la sección de economía, lo distrajo.

Cuando llegó Lucía, intentó entablar conversación con cualquier tema casual, pero ella, con sus gafas de sol y el rostro inexpresivo, estaba impenetrable.

— ¿Vaya noche eh? Creo que bebí demasiado. Me parece que acabé con todo el ron del bar. —El silencio de Lucía no mostraba brechas—. Ni siquiera recuerdo cómo volví a la tienda, seguro que fue una odisea. Me imagino que estuve a punto de derribar más de una tienda de campaña... Y tú, ¿A qué horas regresaste?

— Ni siquiera he traído reloj. Pero si te sirve de algo, cuando llegué ya brillaba el sol.

El tono de Lucía confirmaba las peores sospechas de Pascual.

— Yo he tenido un sueño muy raro —dijo cambiando de tema—. Descubría que en la isla existe un lugar mágico que

solo aparece de madrugada, cuando uno se interna en la selva.

— Deberías buscarlo hoy por la noche, tal vez realmente exista... —respondió con cara de pocos amigos, como si ella fuera una turista asediada haciendo escala en un largo viaje y Pascual un desconocido intentando entablar conversación.

— Me parece una buena idea. Tal vez lo haga. Así tú estarás más libre para disfrutar de la bachata y esos ritmos caribeños que tanto te gustan —le reprochó—. Entre lo poco que recuerdo, hay unas imágenes tuyas moviendo las caderas... Estabas preciosa... ¿Bailaste mucho?

— No contigo...

Pascual no quiso continuar por aquel camino. Prefirió cambiar de tema antes de que le hirviese la sangre y hacer alguna tontería de la que luego tendría que arrepentirse. Cerró el periódico y puso su mejor sonrisa.

— ¿Por qué no vamos al quiosco de la playa? Hay una succulenta langosta esperando por nosotros. Además, creo que una piña colada ayudará a abrir el apetito.

Después de comer, Lucía permaneció la mayor parte de la

tarde ausente y ensimismada. Entre baño y baño daba largos paseos por la playa. Después regresaba a las toallas y se tumbaba al sol ignorando por completo a Pascual, que, por aburrimiento, releía una y otra vez aquel ajado periódico. Con el anochecer, el humor de Lucía pareció mejorar un poco. Ya intercambiaba algunas frases con Pascual y un brillo en los ojos sustituyó aquella mole de plomiza inexpresividad que había ostentado a lo largo del día.

Salió a prepararse y cuando regresó estaba radiante. Pascual observaba a Lucía intentando recordar en qué momento había colocado su set de maquillaje en la mochila, y lamentándose por no haber traído suficiente ropa de recambio ni su máquina de afeitar. Él ya se había resignado a aparecer con su traje de baño, las sandalias y una camisa sin mangas. A su lado, Lucía parecía una actriz preparándose para ir a una fiesta privada.

Eligieron una mesa a la sombra de un matorral. Mientras hojeaban el menú, el sol, de un rojo incandescente, se hamacaba en un filamento de nubes como un proyectil tensando las cuerdas de un arco a punto de ser disparado.

Pascual, de espaldas al mar, veía el rostro de Lucía macerado en la luz solar, su cabello rojizo, encrespado por el salitre, desprendía hebras de fuego, y sus ojos verdes

brillaban como gemas.

Le sacó de sus cavilaciones una palmada en el hombro que fue casi dolorosa. Se dio la vuelta instintivamente y el brillo de los dientes de Romero, destacándose en su rostro moreno, le deslumbró.

— Hola tortolitos, ¿disfrutando de la puesta de sol?, —dijo con una sonrisa, mirando fijamente a Lucía mientras estrujaba los trapecios de Pascual en un histriónico masaje. Pascual consiguió zafarse de aquellas manos fornidas y saludó a Romero con una sonrisa descompuesta. Pero Romero, en aquellos momentos solo tenía ojos para Lucía, a quien se acercó lentamente, dándole dos besos y acariciándole la espalda.

La cena transcurrió entre intentos de arrumacos de Pascual aplacados por las frías contestaciones de Lucía que, mientras chupaba las tenazas de una langosta, mantenía la vista fija en Romero. Este, con su habitual camisa sin mangas, correteaba sirviendo las mesas.

El tercer o cuarto mojito vino a servirlo una mujer a quien Lucía saludó llamándola por su nombre.

— Hola Lucía, así que este es tu marido... Pascual, ¿verdad?, como la mantequilla, encantado de conocerte.

— Esta es Rocío, la hermana de Romero –dijo Lucía, como si conociera a la familia de toda la vida.

— El gusto es mío –dijo Pascual sin dejar de sentir el tacto de la mano de Rocío haciendo rulos en su nuca.

— ¿Queréis postre?

Pascual indicó con un gesto que estaba lleno, y percibió que entre Lucía y Rocío existía una complicidad que no se explicaba. Tal vez se habían conocido en la fiesta de la noche anterior. Pensó que su amnesia era peor de lo que creía. Ni que le hubieran puesto somníferos en las copas.

— Bueno, pues si no queréis postres, unos licores. Invita la casa –dijo Rocío guiñándole un ojo.

Al contrario de lo que había decidido, Pascual estaba otra vez borracho y solo en la mesa. Le había gustado tanto el licor que sirvió Rocío, que acabó pidiendo otra botella, la misma que ahora estaba vacía sobre la mesa y comenzaba a mostrar una peligrosa tendencia a desdoblarse ante su mirada turbia.

Miró hacia la improvisada sala de baile y lo que vio no le gustó nada. Tuvo que reprimirse para no montar un escándalo cuando vio la mano de Romero deslizarse

vertiginosamente hasta el trasero de Lucía, quien se dejaba llevar por el ritmo de aquel hombre que parecía llevar la salsa en las venas, y dirigía a su compañera de baile con una habilidad pasmosa, sin importarle lo más mínimo que Pascual, su marido, los observase a unos metros de distancia con cara de pocos amigos.

Pascual estuvo a punto de levantarse y poner el grito en el cielo. En su imaginación de beodo, se veía a sí mismo irrumpiendo en aquella obscena coreografía y soltando dos o tres sopapos. Cogería a Lucía por el brazo y se la llevaría a la tienda por la fuerza. Pero en aquel momento, Rocío se aproximó por detrás.

— ¿Puedo sentarme? —susurró.

— Haz lo que quieras —Pascual, a estas alturas, se sentía víctima de un juego macabro. No perdía de vista a los bailarines, que continuaban su ritual como pájaros frenéticos bajo una luz cenital.

— ¿Quieres dar un paseo? Mi turno ha terminado.

Solo entonces Pascual le prestó atención. Había estado tan embebido en la imagen fluctuante de la pareja que sintió la intromisión de Rocío como una estrategia de despiste.

— ¿Para qué? ¿Quieres alejarme de la escena del crimen?
—dijo lleno de rencor.

— ¿Prefieres quedarte aquí viendo como se divierten? Si quieres, puedo mostrarte algunos secretos que esta isla guarda.

Pascual dudó unos segundos, pero finalmente accedió a acompañarla. Ella lo tomó de la mano y lo condujo por un sendero. A los pocos minutos dejaron de escuchar la música del quiosco y la imagen de Lucía y Romero comenzó a desdibujarse en su mente alcoholizada. Rocío lo guiaba en la oscuridad, llevándolo como si fuera un niño, y él, mientras caminaban, sentía el candor de su espalda desnuda con dedos temblorosos, que a veces descendían un poco para sentir la parte superior de su traje de baño, allá donde comenzaban los glúteos fibrosos y tersos: aquellas redondeces trabajadas en horas de natación y caminar diario se le antojaron muy diferentes de la flacidez terminal de sus propios músculos, acogotados tras años de vida sedentaria.

— Vamos a darnos un baño, —dijo Rocío exultante, y al pasar una curva apareció ante ellos, como de la nada, una cala paradisíaca, oculta entre las rocas y la selva.

Rocío se quitó la ropa y le ayudó a desnudarse. Pascual

veía su cuerpo al trasluz, ante una luna llena que no había percibido en toda la noche. Detrás de ella, hacia mar abierto, el foco blanco de la luna cintilando sobre la superficie sin olas. Sus pies hendían la suave arena y el polvo de conchas que la conformaba reanimaba los capilares de sus plantas con un leve cosquilleo.

Una vez dentro del agua, se besaron. Pascual sintió ganas de llorar.

Llevaban un tiempo recostados sobre la arena. La intensidad de la luna llena no dejaba ver muchas estrellas. Pascual cayó en la cuenta de que no había pensado en Lucía en todo aquel tiempo. De pronto, escucharon unos bongós, sonido de cascabeles o maracas y algunos gritos.

— Ya ha comenzado —dijo Rocío. Vamos.

— ¿Ya ha comenzado qué? —respondió Pascual sorprendido. ¿Vamos a dónde?

— La feria, en la playa del acantilado. Vamos —dijo Rocío con la mirada fija en la espesura vegetal, y él se quedó prendado del brillo de su cabello, que bajo la luz de la luna tenía un resplandor cobrizo.

— ¿Una feria? ¿A estas horas?

Pero ella ya no lo escuchaba. Seguía, hipnotizada, el ritmo de los bongos. La observó en su loca carrera, y le gritó pidiéndole que se vistiera, pues había dejado la ropa sobre la arena.

No quería perderla en la oscuridad, así que cogió sus ropas y se fue vistiendo torpemente mientras caminaba. Ella, sin preocuparse por las espinas de los arbustos, corría sin mirar atrás.

Pascual percibió que tanto el camino como la música le eran familiares, pero demoró un poco en darse cuenta de que el sendero que recorrían ya lo había caminado en sueños, despertándose justo antes de descubrir el lugar de donde salían aquellos sonidos.

Seguía a Rocío pidiéndole por favor que se detuviese, pero ella no parecía escucharle, hasta que, al final de la pendiente, ésta se detuvo al lado de una roca enorme y él casi la atropella. Levantó la mirada y vio una playa flanqueada por un muro de piedra pulida, donde siglos o tal vez milenios de infernal oleaje habían imprimido caprichosos dibujos. Muchas personas caminaban. Todos estaban desnudos, incluso niños y ancianos. La mayor parte de los hombres tenían el pelo largo y barba, y todos llevaban collares de conchas. Los matorrales y la arena desprendían un brillo dorado, que se quedaba impregnado

a los cuerpos como un aceite protector.

Rocío lo cogió de la mano y pidió que la siguiera. Un anciano de barba blanca y piel muy morena se acercó y empezó a quitarle la ropa. Cuando estuvo completamente desnudo, le puso un collar de conchas y le tocó con dos dedos la frente.

Una niña que le pareció prácticamente albina le ofreció un cuenco con un líquido viscoso y Pascual bebió. Casi instantáneamente vomitó la cena y comenzó a sentir convulsiones. Cayó al suelo con la imagen sonriente de Rocío fija en la memoria, multiplicándose en decenas de frames por segundo con vibraciones que sentía muy adentro, convertido en el disco duro de una cámara digital averiada.

Cuando recobró el conocimiento, estaba en una hamaca, goteando una melaza dorada. Las personas estaban reunidas alrededor de un fuego violeta. Unos metros detrás de la hoguera, el mar ya no estaba calmo, por el contrario, se había levantado un oleaje típico de las mareas vivas de septiembre, pensó Pascual, aunque estaban en agosto. El ritmo de los bongós y las maracas era hipnótico.

Aparecieron entonces Romero y Lucía cogidos de la mano, completamente desnudos a excepción de un largo

velo transparente cuya cola dos niñas agarraban evitando que tocara el suelo. Sobre un húmedo lecho de algas, los dos amantes se gozaron ante la atenta mirada de los presentes. A estas alturas, Pascual ya no sentía celos.

Cuando los amantes terminaron, se abrió un pasillo entre la multitud y Pascual observó horrorizado cómo una langosta gigante, de unos tres metros de altura, salía lentamente del agua. Lucía parecía dormida, pero mantenía los ojos abiertos e inexpresivos. Romero se los cerró con una caricia y se retiró con parsimonia. La enorme langosta se inclinó, agarró el cuerpo extasiado de Lucía con sus tenazas doradas, y empezó a devorarla sin que ella emitiera el mínimo grito de dolor.

Pascual, aterrado, intentó moverse, pero descubrió que su tobillo derecho estaba preso por una argolla de metal.

Iván A. Ulloa Bustinza

Profesor de Español en la Universidad para la Integración Latinoamericana (UNILA) y coordinador del grupo de investigación anexo por el CNPq: Produção de materiais didáticos para o ensino de Espanhol Língua Adicional no contexto da Integração Latino-americana e do Mercosul, que desarrolla una investigación sobre la creación de materiales didáticos enfocando en cuestiones discursivas e interculturales.



El mapa como fracaso cognitivo en *Nostalgia de la madre muerta*

Federico Zurita Hecht

Mi labor como académico de la línea teórica en la Escuela de Teatro de la Facultad de Artes de la Universidad Finis Terrae, Santiago de Chile, considera como actividad, además de la docencia, la investigación crítica. Esta la he desarrollado en torno a la comprensión analítica de los mecanismos representacionales del teatro chileno y que ha quedado plasmada en una serie de artículos publicados en Chile y otros países, y en la publicación del libro *Expulsión de la casa: dramas históricos chilenos 1920-2020* (Ediciones UFT, 2021). En estos ejemplos de investigación me he desempeñado como lector crítico, para lo cual he transitado por la teatrología y las ciencias de la literatura. Como autor del libro de cuentos *El asalto al universo* (Eloy, 2012) y las novelas *Lo Insondable* (La Pollera, 2015 y Eduvim, 2018) y *Nostalgia de la madre muerta* (La Pollera, 2020) me he sentido estimulado a pensar los significados de mis textos, las decisiones tomadas en la escritura, las posibles interpretaciones (Eco) y efectos que las estrategias textuales que he usado producen en los lectores y, por último, la misma actividad literaria. En estos ejemplos de creación artística me he desempeñado como autor literario y, por tanto, me he ubicado en la vereda opuesta a la de la investigación crítica. Esta relación de oposición no se manifiesta, eso sí, en la presencia de investigación en la labor crítica y la ausencia de esta en la labor creativa. La oposición se sostiene en que un sector mira al otro y, sin

embargo, en ambas actividades se requiere alguna forma de trabajo investigativo.

La creación artística tiene implicada en su realización el ejercicio de la investigación. Crear consiste en poner en circulación diversos conocimientos sobre aquello a lo que el arte alude en su dimensión representacional, pero también consiste en crear saberes sobre el mismo arte y sobre la experiencia que se propicia tanto al realizarlo como al contemplarlo. La toma de conciencia de que el arte produce conocimiento explicita cómo la investigación como actividad está implicada en el acto de crear. Esta actividad puede ser denominada investigación como práctica artística.

Para comprender que la investigación como práctica artística responde a procesos reflexivos ordenados e incide en las decisiones temáticas, estéticas y composicionales de la obra de arte, es necesario diferenciarla de la investigación crítica. La investigación crítica consiste en formular explicaciones sobre el funcionamiento estratégico de las diversas dimensiones que componen la obra artística. Esta se ha desarrollado desde las humanidades. Ejemplo de esto encontramos en el conocimiento teórico, crítico e histórico que producen las ciencias de la literatura, la teatrología, la teoría del arte y la musicología. La investigación como práctica artística consiste en pensar la obra de arte a la vez que se crea. Esta se manifiesta, con la forma de sustento teórico, en la misma obra en sus condiciones de objeto empírico (en la creación) y objeto de conocimiento (en la percepción).

Novela

Esta breve introducción tiene el propósito de plantear el marco contextual a través del cual llevé a cabo algunas reflexiones que formaron parte constituyente de la escritura de *Nostalgia de la madre muerta*, novela en la que intento construir una representación de la idea de fracaso cognitivo en la conciencia social masculina que ha naturalizado la muerte de la madre como rasgo de la identidad social chilena (Larraín). La historia referida por la narración de los diversos narradores que constituyen el relato fragmentario es sobre cuatro generaciones de hombres pertenecientes a la misma familia que experimentan la muerte prematura de la madre y que sienten un vacío en sus formas de comprender el mundo. Por tanto, los personajes padecen la muerte de la madre para años después padecer la muerte de la pareja, a la vez que sus hijos padecen la muerte de la madre, con lo que la realidad social es construida por esta ausencia. De esta forma, los personajes masculinos que pierden a la madre constituyen una metonimia de una sociedad compleja que se ha forjado incompleta en la ausencia de un elemento cultural que se han acostumbrado a dejar morir. En ese sentido, la novela responsabiliza a los hijos de no modificar la tradición y permitir que la identidad familiar siga construyéndose de la misma forma. Para eso, en algunos capítulos los personajes se cuestionan cómo viven, pero en otros asumen su monstruosidad. Para proponer estas ideas, la estrategia de la novela recurre (primero) a la

estructura de espejo para subrayar la repetición del modelo identitario en que se repite la muerte de la madre; y (segundo) a las ciencias y el arte como elementos simbólicos que, como mapas, permiten que los personajes viajen por la experiencia de vida perdiéndose. Los mapas con los que cuentan los personajes propician que, en su identidad errática, su viaje sea un fracaso cognitivo. El olvido y la pérdida de la memoria son el riesgo ante estos mapas limitados.

La novela presenta una estructura fragmentaria articulada en tres partes. La primera parte está constituida de cuatro capítulos, la segunda de dos capítulos y la tercera de cuatro capítulos. En estos diez capítulos se va sucediendo la historia de las cuatro generaciones de la misma familia, pero la segunda parte rompe con la cronología lineal y propicia que se establezca el puente entre la etapa final de la historia y el comienzo. A la vez que se articula esta lógica fragmentaria, cada uno de los diez capítulos de la novela puede ser leído independiente del resto del libro. Así, cada capítulo puede ser leído como un cuento.

El proceso escritural incluyó el carácter fragmentario e independiente de sus componentes y comenzó con el capítulo siete, que inaugura la tercera parte de la novela. En torno a esta historia, que presenta unidad y que por tanto se cierra de forma autónoma, el mundo creado por la ficción se amplía a la experiencia de las restantes generaciones de la familia retratada, con lo que tanto el proceso escritural como su conformación estructural final responde a un proceso reflexivo rizomático (Deleuze y

y Guattari). En esta ampliación se articulan las lógicas de la estructura (conformación del espejo que repite, en su reflejo, la experiencia de la pérdida de la madre) y del sentido (conformación del mapa que instaura, en su representación, una masculinidad que deja morir a la madre). La estructura de espejo es necesaria para que se dé forma al sentido sobre el mapa y se articule una posible contrastación entre las posibilidades de calcar o mapear los fenómenos mediante el conocimiento (Deleuze y Guattari).

Espejo

El índice de la novela permite comprender la estructura de espejo:

I OLVIDO

Todo el olvido

Biología del teatro

Camino de los muertos

Nostalgia de los hijos

II RECUERDA

Todos los mapas

Nostalgia de la madre muerta

III DOLER

Todos los pasos

Astrofísica del teatro

Teatro del espejo

Nostalgia de la voz silenciada

En esta estructura de espejo, los capítulos que inauguran cada parte (“Todo el olvido”, “Todos los mapas” y “Todos los pasos”) están contruidos mediante una narración sumaria.

Mi madre está triste. Sólo cuando me enseña Biología, Física o Química parece no estarlo. El resto del tiempo está pensativa. Tengo once años y la veo absorta, pero también cansada. Parece enferma. Tengo doce años y la veo como si estuviera en otro lugar. Ya no discute con mi padre. Luego enferma. Todo es rápido. Dolor, agotamiento, debilidad, dolor, desorientación, postración, dolor, sopor, obnubilación, dolor. Ya casi no abre los ojos, ya casi no se mueve, ya casi no habla. Aún no cumplo los trece años y estoy en el funeral de mi madre. La Sandra está a mi lado todo el tiempo. Mi padre no llora. No sé si es fortaleza o debilidad. Recibe a la gente, escucha sus palabras y contesta con rigidez facial. No sé si está resistiendo o cediendo ante el dolor. Al volver a casa, antes de que mi padre cierre la puerta de su taller ante mis ojos, yo cierro la de mi dormitorio ante su paso taciturno. Estoy en mi casa, pero extraño mi casa” (Todo el olvido).

Mi madre me alcanza a decir que me cuide y a mí me da vergüenza. Sé a qué se refiere, pero no quiero que la Catalina o la Adriana o la Magdalena se den cuenta. Yo nunca le dije a mi madre que se cuide, pienso mientras camino a verla a la clínica o a su funeral o a su tumba. Es 1993 y mi padre camina al lado mío, pero no dice nada. Me adelanto. No tengo el más mínimo interés de ver cómo comienza a zigzaguear. Yo zigzagueo por mi cuenta (Todos los pasos)

Mi madre está enferma. Dice que no es para preocuparse, que pronto se recuperará. Hoy, con quince años de edad, el amigo de mi madre me ha ido a buscar al colegio porque mi madre murió. Pienso en que fui incapaz de protegerla. Pienso en que el tiempo la encapsulará en una vitrina que contiene y aísla al pasado. Pienso en que de aquí en adelante no tendré más que mapas para recordar. Mi padre, el padre de mi padre y el abuelo de mi padre me acompañan en la despedida de mi madre. Pienso en el teatro, la biología y las artes visuales fracasando en las pretensiones de la referencialidad. Pienso en que a partir de hoy soy como ellos, un hombre sin acceso al conocimiento del pasado. Pienso en que tal vez siempre lo fui y que todos en todas partes lo somos. Pienso en que no seré capaz de volver a leer el mapa. Siento como si pudiera desdoblarme y ver el mundo habitado por seres de nostalgia que buscan nuevas formas de construir mapas tan complejos que dejen de mapear para convertirse en aquello que mapean, y cada uno de ellos fracasa en su intento (Todos los mapas).

Esta velocidad de la narración (Genette) tiene el propósito de iniciar cada ciclo de la pérdida con un nuevo narrador que pierde a su madre y que cuenta cómo su padre (que ya ha perdido a su propia madre) pierde, ahora, a su pareja. Los capítulos que clausuran cada parte (“Nostalgia de los hijos”, “Nostalgia de la madre muerta” y “Nostalgia de la voz silenciada”) tienen el propósito de mostrar a los niños que antes contaron que su madre había muerto, ahora como adultos, contando que su pareja o expareja ha muerto.

Mientras el capítulo cinco, “Todos los mapas”, presenta como narrador al niño que constituye la cuarta generación de hombres que pierden a la madre. El capítulo seis, “Nostalgia de la madre muerta”, presenta como narrador al padre del niño que en el primer capítulo perdió a la suya. De esta forma, la lectura del capítulo diez permite recordar al protagonista del capítulo cinco y la lectura del capítulo seis nos permite escuchar al personaje secundario del capítulo uno. Así, siguiendo el orden del tiempo del relato (Genette), el capítulo cinco lleva al seis y el seis al siete; y, siguiendo el orden del tiempo la historia (Genette), el capítulo cinco ocurre simultáneo al tiempo del capítulo diez y el seis actualiza el capítulo uno. Como tiempo del relato y tiempo de la historia existen simultáneamente en el texto, las diversas conexiones que la fragmentariedad de la novela ofrece permite que la lectura de la novela se manifieste como un permanente tránsito

que invariablemente lleva de vuelta al capítulo uno. De esta identidad errática no se puede salir.

Mapa

Los personajes de la novela, los hombres que pierden a sus madres, no son identificados con nombres sino con profesiones. Uno es artista visual, otro es biólogo, otro director de teatro y el más joven desea ser antropólogo. Las ciencias y el arte se presentan en la estrategia de la novela como variedades de conocimiento que, como un mapa, intentan representar los fenómenos de la realidad con la limitación que la selección y las convenciones del mapeo propician.

Desde sus perspectivas de mundo, cada uno cree tener la herramienta satisfactoria para conocer el mundo, pero en su satisfacción está igualmente contenida la conciencia de las limitaciones del mapa que tienen a su disposición:

Elijo un libro. Trae mapas. Comparo los mapas de mi libro con el mapa en la muralla de mi dormitorio. En la muralla, de aquí a Puerto Azola hay diez centímetros. En el libro, en la página en la que está el mapa donde aparece todo el mundo hay solo cuatro, pero en la página en la que está el mapa donde aparece todo el país, de aquí a Puerto Azola hay treinta y seis centímetros. Es por la referencialidad. Mi padre ya me ha hablado de eso. Descubro que la regla que hay

debajo en cada mapa informa cuánto terreno aparece representado en el mapa. La regla se llama escala gráfica, me dice mi madre. Ella entiende. Sabe qué es la referencialidad. Me lo explica mejor que mi padre (Todos los mapas).

¿Tú sabes por qué muere la gente?, preguntó sorprendido. Yo quería preguntarle si sabía por qué las momias de Puerto Azola se conservan desde hace nueve mil años, pero me detengo en este asunto. Podemos comprender gran parte del proceso, responde. ¿Y puedes saber cómo hacer que nadie más muera?, digo. No puedo hacer eso, agrega. Pero si sabes por qué se muere la gente, puedes saber cómo evitar que eso ocurra, insisto. No, me dice. Tenemos teorías sobre la vida, agrega, son relatos sostenidos en la observación. Yo no estoy seguro de entender lo que dice.

La ciencia, el conocimiento científico, continúa el padre de mi padre, pretende decir el funcionamiento del mundo con palabras y fórmulas de un modo en que el decir sea lo más semejante posible al mundo, pero el mundo no está en esas palabras. ¿Entonces la ciencia es como un mapa?, le digo (Todos los pasos).

Le pregunto por qué le gusta el teatro. Me dice que es una forma de saber cosas sobre el mundo. Le digo que yo pensaba que las historias del teatro nunca habían sucedido. Me dice que tengo razón y que pese a eso el teatro permite conocer el mundo. ¿Como los mapas?,

le digo. Una obra de teatro es un mapa, me dice (Todos los pasos).

Miro el mapa que está en la muralla de mi dormitorio. Miro el globo terráqueo sobre el escritorio. Miro la ciudad por la ventana. Estamos en el piso doce. Es como si mirara un mapa, pienso. Luego reparo en que es extraño que la ciudad me recuerde a un mapa, pues es el mapa el que me tiene que recordar a la ciudad. Así funcionan los mapas (Todos los mapas).

El mundo de estos personajes es informado fragmentariamente por los mapas que ellos, en sus saberes, pueden producir. Pero, como ellos son los responsables de la naturalización de la muerte de la madre, sus mapas, en su incapacidad de reconstruir o calcar los fenómenos de la realidad y, en cambio, solo poder representarlos, no les informan de su propia responsabilidad en la construcción de ese mundo.

Pero estos personajes melancólicos, disconformes con el estado de las cosas, no son necesariamente víctimas al padecer la pérdida. Esos mapas erráticos son sus propias obras. Ellos no comprenden los errores del mundo que contribuyen a crear y su propia monstruosidad emerge apenas, insinuada en el origen de esta genealogía de la nostalgia. Sobre esto, el narrador del capítulo “Nostalgia de la madre muerta” dice:

Mientras el rostro del sujeto se desvanecía ante mi mirada borrosa, perdida en la marea de ideas que

reventaron como olas en mi mente, comprendí que mi madre me había odiado y que mientras yo había deseado por años recuperar la imagen de su rostro ella había deseado borrarla. Yo tenía solo once años cuando se fue, pensé, y tal frase se quedó como motivo recurrente en mi conciencia por muchas horas o tal vez por muchos años. Me fui, por supuesto. No generé problemas. Me fui empujado por el odio inexplicable de mi madre y de sus hijos, sus definitivos hijos que la acompañaron hasta su muerte. Me fui sin recuperar la imagen de su rostro y sufrí por eso. Me fui sintiendo que alguna vez fui un maldito engendro de once años. Me fui creyendo que era un monstruo.

De esta forma, a la vez que los cuatro personajes masculinos experimentan el padecimiento por la pérdida de la madre, evidencian en sus relatos (aunque no siempre estén conscientes de esto) sus responsabilidades en la naturalización de este hecho y su incorporación como rasgo cultural que construye una identidad errática.

La novela, así, tiene la pretensión de constituir, mediante las lógicas fragmentarias de la representación, un mapa de algunos rasgos de la identidad chilena determinados por las lógicas masculinas. Como la novela ha sido escrita por un hombre, hay una necesidad en su conformación estratégica de pensar la responsabilidad histórica que implica ocupar el circunstancial lugar central de la figura de lo masculino en la sociedad chilena.

Estas ideas constituyeron el centro de las reflexiones que guiaron la escritura de la novela *Nostalgia de la madre muerta*. Es complejo que desde mi condición de autor pueda afirmar que los signos han sido desplegados de manera correcta en su coherencia y eficiencia significativa. Es de esperar que las lecturas críticas se sigan desarrollando, pues el debate en torno a la toma de conciencia del sujeto masculino de su responsabilidad en la articulación de estructuras injustas y dolorosas requiere seguir realizándose.

Desde mi propia comprensión sobre las posibilidades de circulación del arte, comprendo que nada que yo diga puede cerrar las lecturas que se realicen de la novela que yo escribí. Si es posible dejar esto por escrito es para consignar mi propio proceso reflexivo en el ejercicio de la investigación como práctica artística. Las investigaciones críticas que puedan realizarse de la novela aquí comentada no necesariamente tendrían que regirse por estas palabras.

Bibliografía

Deleuze, Gilles y Félix Guattari. *Rizoma y otros textos*. Madrid, Editora Nacional Madrid, 2002.

Eco, Umberto. *Interpretación y sobreinterpretación*. Madrid, Cambridge University Press, 1997.

Genette, Gérard. *Figuras III*. Barcelona, Lumen, 1989.

Larraín, Jorge. *Identidad chilena*. Santiago, LOM, 2001.

Zurita Hecht, Federico. *Nostalgia de la madre muerta*. Santiago, La Pollera, 2020.

A escrita criativa nas aulas de espanhol língua adicional

Iván A. Ulloa Bustinza

A ideia de usar a escrita criativa nas aulas de Espanhol para brasileiros surgiu da necessidade observada de articular aulas mais dinâmicas favorecendo o engajamento dos alunos e das alunas, e na procura de uma metodologia que oferecesse as condições para uma participação autoral dos alunos e alunas quebrando a distribuição vertical das relações de poder dentro da sala de aula.

Nível d@s participantes: básico-intermediário.

Alunos e alunas da UNILA:

Ciências Políticas / Relações Internacionais e

Integração

Primeiro Semestre de 2021

Modo: Online / Ensino remoto

Relato da experiência

Primeiramente, foi realizada uma tarefa de reflexão sobre os efeitos positivos do uso da escrita criativa para uma aprendizagem significativa, autoral e colaborativa do Espanhol / Língua Adicional.

Procurávamos a implementação, através do discurso, de estruturas gramaticais características de diferentes funções a serem desempenhadas pel@s participantes em contextos reais de uso da língua, tais como:

- a) Apresentar-se e apresentar pessoas, animais ou coisas;
- b) Descrever física e psicologicamente pessoas (personagens);
- c) Falar sobre o espaço e observar a relação entre a personagem e seu contexto social
- d) Escrever diálogos e narrações

Esta última capacidade integra todas as outras, pois a sociedade é composta por indivíduos que se organizam em diferentes paisagens humanas e interagem o tempo todo, tanto no plano físico e material da vida diária quanto, graças a gestação e o desenvolvimento de redes sociais e outras formas de interação global, no meio virtual -digital.

Os conflitos que servem de matéria para as narrações são tecidos na interface entre personagem e contexto espaço-temporal, fruto da luta entre as aspirações do indivíduo e os obstáculos que a sociedade coloca na frente dele.

Por isso, foi proposto aos participantes (neste caso discentes do Curso de Ciências Políticas e de Relações Internacionais), analisar de forma crítica a inserção da personagem em seu ambiente e, a partir dessa posição, mostrar os mecanismos da sociedade no seu devir histórico.

Nesse sentido, a literatura é um espelho da sociedade, contribuindo à explicação dos conflitos existentes nela, e são inúmeras as contribuições desde o campo literário a outras disciplinas como a Filosofia, a Psicologia, a História, ou o Direito, dentre outras muitas, pois todo saber humano pode se configurar como material para a criação de uma obra literária.

Fases do processo criativo

O curso começou com o professor apresentando exemplos de obras de ficção (curtas-metragens, videogames, textos literários) com o objectivo de que @s participantes se familiarizassem com os elementos básicos da ficção narrativa:

Tema, argumento e enredo (“trama”): o processo de aprender as

diferenças entre esses três conceitos é muito importante. O tema é a ideia recorrente por trás da obra, que pode ser definida em uma frase. O argumento é a sucessão cronológica dos acontecimentos, e o enredo é a forma de apresentar esse argumento, que pode ser realizado com retrocessos, avanços e lacunas de informação. Por meio de exemplos práticos, @s participantes aprenderam a formular o tema, o argumento e o enredo de diferentes obras que já conheciam, compartilhando com o resto da turma referências de obras que enriqueceram a bagagem cultural do grupo. Nesse sentido, os próprios participantes realizaram uma espécie de curadoria de conteúdos e apresentaram para o grupo.

Narradores: @s participantes precisaram entender também que o narrador é um tipo especial de personagem, e que pode se manifestar de diversas formas, o que implica o uso de diferentes tempos verbais e pronomes para cada tipo de modalização (onisciência, focalização, narrador testemunha etc.), bem como distinguir entre diferentes dimensões, como níveis de a) conhecimento ou ignorância; e b) subjetividade ou objetividade.



Personagens: a criação de personagens complexas e bem definidas que se encaixem (ou não) no espaço escolhido é um processo imaginativo e sistemático. Personagem e espaço andam de mãos dadas com o tempo em que a ação acontece. A descrição das personagens deve ser a mais precisa possível, anotando cada detalhe, para que posteriormente o conflito e as ações a serem desenvolvidas possam ser mais facilmente definidas.

Muitas vezes, os anhelos das personagens ilustram questões políticas e sociais, pois não é raro eles representarem um

determinado setor da sociedade. Este ponto foi importante no caso específico desta turma, pois pelo fato de muitos deles estudarem Ciências Políticas a metodologia escolhida tinha a intenção de estimular a discussão dos aspectos políticos e sociais da relação entre indivíduo e sociedade.

Uma das personagens analisadas antes do preenchimento da ficha, foi a de Harold Crick, do filme *Stranger than fiction*, onde a voz em off duma escritora vai narrando em tempo real a vida de Harold até que ele ouve pela primeira vez a voz da narradora, iniciando-se uma espiral trágico-cômica que vai transformar a existência dele. Para tanto, foi analisada em detalhe a primeira sequência do filme, na qual Harold se levanta de manhã e começa sua rotina diária: escovar os dentes obsessivamente, amarrar a gravata do mesmo jeito de sempre e andar exatamente o mesmo número de passos até o ponto de ônibus para ir ao trabalho.

Nesta sequência, somos informados e sugeridos de muitas coisas em relação à personalidade de Harold. O filme usa, além do mais, uma técnica de efeitos especiais similar a uma realidade aumentada, pela qual são projetadas uma série de informações e estatísticas na tela que ajudam a compreender melhor a configuração psicológica da personagem.

Para definir a personagem, depois da análise de vários exemplos audiovisuais, @s participantes tiveram de preencher um formulário com algumas informações:

1. Edad y estado civil
2. Relaciones afectivas (positivas o negativas) más importantes
3. ¿Qué hace para subsistir? ¿Está satisfecho con su vida?
4. Características físicas y psicológicas
5. Hábitos alimentarios
6. Gustos y aficiones: deporte, cultura, ocio.
7. ¿De qué manera se percibe a sí mismo?
8. ¿Cómo fue su infancia? ¿Y su adolescencia?

Espaço e tempo (cronotopo): Espaço e tempo mantêm uma relação próxima tanto na realidade quanto na ficção narrativa. Ambos também mantêm uma relação indivisível com as personagens, de modo que estas são um reflexo daqueles e vice-versa.

A realização de atividades para configurar o espaço da forma mais realista possível contribui para aumentar a competência linguística dos participantes no idioma adicional. Eles tiveram de aprender a indicar endereços, usar léxico relacionado a cidades, falar sobre lazer e tempo livre, etc.

O ideal no processo de criação literária, antes de começar a redação, é criar um mapa do espaço em que a ação acontece. Para eles entenderem a importância deste ponto na preparação da história, foram projetados vídeos sobre a criação de Night City para o video-game *Cyberpunk 2077* e a futurista cidade recriada com tecnologia 3D com todo luxo de detalhes em *Detroit became human*. Os diferentes setores da cidade refletem a estratificação da sociedade, e as personagens “pertencem” aos locais nos quais moram, modificando-a e sendo modificados por ele. As ações se desenvolvem em diferentes espaços, e as

diferentes espaços, e as personagens vão transitando pela complexa geografia urbana.



Detroit became human, videogame.



Mapa do metrô de Night City



Cyberpunk 2077 videogame

FICHA 2: ESPACIO // Descripción

1. ¿Cuál es su nombre y por qué?
2. ¿En qué región está localizado?
3. ¿Cómo es la geografía de esa región y el lugar donde se ubica?
4. ¿Cuáles son las principales actividades productivas y su posición socio-económica en el sistema-mundo?
5. ¿Cuál es la época y el modo de gobierno?
6. ¿Qué religiones y comunidades existen en este espacio?
7. ¿En qué grado de desarrollo se encuentra la tecnología y cómo hacen uso de ella los ciudadanos?
8. Menciona algún acontecimiento histórico importante.
9. Escribe algunas actividades relacionadas con el ocio, los deportes y la cultura características de ese espacio
10. Describe un lugar determinado dentro de ese espacio. Puede ser un barrio, una tienda, una fábrica, un templo, un quiosco en la playa, una cueva en el desierto, la caldera de un barco pesquero, la cabina de mando de una nave espacial, etc.

A escrita da história é apenas uma parte do complexo processo de composição textual que @s participantes realizam durante as aulas. Antes de começar a escrever, eles devem ter clareza sobre os elementos mencionados acima. Devem imaginar e definir qual é a motivação interna da personagem, quais são os obstáculos, quem são os adjuvantes e quem são os antagonistas. A partir daí, eles podem escrever esquematicamente o roteiro com as cenas que vão acontecer, para as quais devem ser definidos um espaço-tempo e uma(s) personagem(ns). É importante tanto que a cena tenha uma estrutura fechada e proporcional quanto que o encadeamento das cenas responda a uma lógica coerente e tenha ritmo de acordo com a dinâmica do clímax e do anticlímax.

Definido o enredo, é hora de começar a escrever a história de forma organizada, que logicamente deve passar por um processo de revisão contínua até que esteja pronta para publicação.

A oficina literária - aula de Espanhol Língua Adicional proporcionou aos participantes um espaço de aprendizagem colaborativa onde cada fase do processo criativo deveria ser discutida e debatida entre todos.

Como objetivo final desta experiência, algumas dessas histórias foram enviadas para publicação, reforçando o aspecto marcadamente autoral desta metodologia de aprendizagem, onde os alunos constroem o seu próprio itinerário passo a passo graças à colaboração com os seus pares, recebendo ideias, estímulos e feedback ao longo de todo o percurso.

Este método para o Ensino de Espanhol para brasileiros promove a valorização da história de vida dos participantes, cuja bagagem cultural (experiências, leituras, relacionamentos...), é ativada na aprendizagem de línguas por meio da escrita criativa, na criação imaginativa de espaços, pessoas e situações que tenham algum tipo de relação com a experiência dos participantes / autores, seja porque vivenciaram determinados eventos, seja porque suas próprias experiências intelectuais ou artísticas e seus interesses os levaram a escrever sobre um tópico em concreto e com um estilo específico. Afinal, é impossível escrever sobre algo que não se conhece.

O trabalho de revisão das histórias produzidas nas aulas continuou por algum tempo, pois o texto, escrito em um documento digital na nuvem, era compartilhado pel@s participantes com o professor para ajustes, modificações e/ou correções posteriores, até chegar a um produto satisfatório para os autores.

Confiar y sobrevivir

Mylena Dias Kruger

<https://www.youtube.com/watch?v=L4ZZMh8YROA>

“No puedo creerlo, que odio, no puedo creerlo, ¿quién es esta chica? VOY A MATARLA. ¿Cómo puede ser tan descuidada? tan torpe? tan tonta? tan hermosa...

¿Vino en barco acá? No... sí...”

Las olas del mar estaban agitadas, la arena olía a soledad, había solo ruinas de una vida pasada. Un viento fuerte lanzó plástico y papeles sobre las chicas, una de ellas estaba muy enfadada, la otra, de cabello rizo, no pudo disimular una sonrisa.

- Mil disculpas, te juro que no era mi intención –dijo la chica de la blusa de flores tirando nerviosamente de las cadenas de su pantalón ¿Cómo puedo pagarte? Pagaré la reparación. Mi nombre es Ariel, por cierto.

- No tienes ni idea de dónde estás, por tu forma de hablar, debes ser de Nueva

Brasilia, bueno la vida en el mundo real es diferente, aquí no pagamos las reparaciones, saldamos las deudas.

- Entiendo que estés molesta y enfadada, pero es sólo un coche, podemos arreglarlo –dijo nerviosa.

- ¿Sólo un coche? Eres increíble, sal de mi camino, yo cuido de mis cosas.

“Parece molesta, debería estarlo, este coche es todo para mí. Mi Impala 67. Trabajé en el por 5 años, no hay más piezas desde hace 60 años, no puede imaginar el trabajo que tomó para adaptar toda la ingeniería de un coche de 1967 en 2121. Una labor casi imposible para que esta chica lo raye como si no pasase nada.

Parece muy alterada... y completamente perdida, así no sobrevivirá una semana aquí, no puedo creer en lo que estoy

haciendo ahora, ¿por qué estoy haciendo esto?”

- Hola, chica perdida que se llama Ariel. Soy Estrella, ahora mismo estoy muy enfadada contigo, pero por lo que parece necesitas ayuda.
- Sí, por favor, ¿dónde estoy?
- La costa de Rio de Janeiro, aunque este nombre no te diga nada porque ya no aparece en ningún mapa, estamos olvidados desde hace mucho tiempo.
- ¿Qué quieres decir? –le preguntó con espanto.
- Algunas islas se han convertido en bases militares y zonas de pruebas de armamento, por eso se recomendó a la población que abandonara la costa, pero no tenemos dónde ir, así que seguimos aquí inhalando el humo de las bombas.

Sus palabras eran frías y violentas.

- ¿Por qué no vas al centro del país?
- ¿El centro económico? Siento decepcionarla, señorita, pero la gente de verdad no puede permitirse vivir donde usted vive.
- ¿Cómo sabes que soy del centro?
- Llamaste a mi impala de "sólo un coche”
- Justo –afirmó poniendo sus rizos de una forma que mostraba su cara.

El viento aún estaba fuerte, la arena golpeaba botellas vacías y carteles de neón apagados.

“¿Por qué ella me mira así? ¿Nunca ha visto un tatuaje? Pero tiene piercings, muy bonitos además, le quedan muy bien. Esta chica es extraña, no sabe cómo vivimos aquí, no se imagina lo que es racionar la horrible comida, que probablemente sólo sean sus sobras. No debe saber que aquí no habrá nada que sea realmente suyo, ni siquiera su vida, porque en cualquier

momento se la pueden quitar. Esta ciudad es muerte, soledad, desesperación...”

- Estrella, siento perturbar tus ensoñaciones y ser una molestia, pero ¿podrías decirme si hay un mercado y un hotel para pasar la noche? Un coche aparcó cerca de ellas, personas que Estrella conocía y que no la querían bien.
- Realmente no sabes donde estás, sube al coche, te encontraremos algo para comer.
- De acuerdo, pero ¿estás segura? Puedo arreglármelas.
- Sí, estoy segura, será mejor que entres antes de que me rinda.

El coche olía a gasolina y pensamientos. La chica de Nueva Brasilia miraba todo con mucha curiosidad.

“Me está mirando de nuevo, esta chica nunca ha visto personas de verdad... ¿qué está haciendo? esta situación es muy incómoda.”

- Ya me has rayado el coche, no estropees el equipo de música
- Lo siento... quería escuchar algo, para romper este silencio, puedo escuchar tu ira
- Lo pondré. Mi ira terminará pronto, solo necesito un poco de tiempo.

Su voz era calma y sincera.

- Gracias. Gracias. ¿Qué canción es esta?
- “Que el viento borró tus manos” de Almendra
- Por alguna razón pensé que sólo escuchabas metal –afirmó con un tono gracioso.
- Sí, pero pensé que estarías más cómoda con este.
- Tienes razón, me ha gustado mucho, más con esta vista

al mar y el cielo nublado.

- ¿Te gustan los días de lluvia? –Ella no pudo contener su sorpresa.

- Son mis favoritos

“SON MIS FAVORITOS... Al menos su gusto musical no es terrible. ¿Se está metiendo con mi pelo? ES INSUPERABLE.”

- ¿Te importaría dejar mi pelo en paz?

- Siempre he querido hacer rastas.

- Pues hazlo.

- Quién sabe si un día...

En el coche el viento entraba controlado, podían escuchar las olas en la playa y las nubes densas les decían que el día sería largo.

- Aquí estamos. Consigue algunas cosas para ti en esa máquina, espero que sepas que aquí todo viene en paquetes o no lo puedes comer.

- Y por lo que parece, a veces ni siquiera se pueden comer los que vienen en paquetes.

- Acostúmbrate, es lo mejor que encontrarás.

La chica caminó por la tienda pequeña, leyó la etiqueta de algunos paquetes y eligió algo que parecían dulces. Los colores de los dulces le llamaron la atención, mantuvo consigo aquel paquete. Un chico entró por la puerta de vidrio, el dueño salió.

- Estrella, que bueno verte ¿Cuándo acertarás lo que me debes?

Ese chico alto y marcado por la vida hizo que Estrella se estremeciese.

- Déjate de sarcasmo, te mandaré el coche cuando esté listo –su expresión era firme

- Eres la mejor mecánica que hay aquí, sería una lástima si tuvieras que pagarme con la vida.
- Tendrás tu coche.

Él se fue con la muerte en los ojos. Mirando a la chica con los dulces de colores en las manos, Estrella dijo:

- Vámonos –su voz todavía estaba alterada.
- ¿Adónde vamos?
- Hasta donde yo vivo –ahora lo dijo tranquila.

“Parece incómoda, ¿Cree que está en peligro? Bueno, siempre estamos en peligro aquí, especialmente cerca de la playa, pero es uno de los pocos lugares donde puedo estar a solas con mis pensamientos. Todo el mundo tiene miedo a quedarse aquí.”

- ¿Qué te preocupa?
- Con el debido respeto, no te conozco para ir a tu casa –tuvo vergüenza al decirle.
- Nunca te dije que fuera mi casa. Y otra cosa, aquí no hay hoteles y dormir sola por ahí es muy peligroso. Sé que no es muy seguro, pero es la mejor opción que puedo ofrecerte.
- Muy bien, supongo que tengo que confiar en ti.

De nuevo en el coche la chica que había venido de barco la miró con fijeza,
mordiéndose el labio. Estrella se giró impaciente.

- Habla, puedo ver qué quieres preguntar algo.
- Eres mecánica, eso explica el coche, ¿por qué trabajas en eso?
- Pues, ser mecánica es lo que me acerca a un pasado que nunca entenderé, a la velocidad, al riesgo, a la muerte, pero al mismo tiempo a la felicidad.
- ¿y a alguien especial?
- Eso no te importa
- Bueno... ¿Ganas dinero?
- Aquí no necesitamos dinero, la violencia es suficiente.

“Me retracto de lo que pensaba antes, no duraría ni 24 horas aquí. Es muy linda y de una manera loca, también es simpática. Seguramente está asustada por todo lo que ha visto, pero ¿cómo ha llegado hasta aquí? No debería preguntar, no hacemos ese tipo de preguntas, pero su historia parece interesante.”

- Ahora que tienes que confiar en mí, dime cómo llegaste hasta aquí.

- Bueno, el resumen de la historia: mi madre es una asesina en masa, pasé un tiempo en Hope Island con mi abuela después de que me enteré y vine hasta aquí en barco – la velocidad fluyó en sus labios.

- ¿Cómo es que tu madre es una asesina?

- Ella diseña y financia proyectos como los de estas islas.

- Lo entiendo. ¿Qué es Hope Island?

- ¿No lo conoces? Es el lugar perfecto. Es una isla en medio de la travesía desde el continente africano hasta aquí, justo en el centro. Fue utilizada como refugio para los soldados británicos durante la Tercera Guerra Mundial.

- Es interesante que aún no se haya convertido en una base militar.

- Pocas personas saben de ese lugar...

- Tu madre lo conoce.

- Tienes razón, ¿crees que debería preocuparme?

La chica jugó nerviosa con las cadenas de su pantalón.

- No, no puedes detenerla.

- Eso es lo que tú crees.

“¿Qué te parece? Es una de esas personas que todavía tiene esperanza, algo raro por aquí, debería decirle que se rinda ya, antes de que lo pierda todo, pero sinceramente no quiero meterme en sus problemas, yo ya tengo los míos.”

- Llegamos.

Con el pelo revuelto por el viento, la chica observó la ruinosa fachada del edificio.

Observó las paredes dibujadas y cuatro personas sentadas en los escalones destruidos. Al lado de la puerta habían personas tiradas al suelo, ella comiendo sus dulces de colores miró con miedo y no pudo ocultar su cara de terror. El moho cubría algunas ventanas y daba un aspecto de una historia anterior inacabada.

- Entonces vives aquí, interesante arquitectura – contenía sus palabras y sentimientos.

- Que bueno que las ruinas te parecen interesantes, te encantará la decoración interior.

Un escalofrío pasó por todo el cuerpo de la chica forastera.

- Necesitamos ruinas para empezar de nuevo, ¿verdad? –intentó decirlo con esperanza.

- Si tienes dinero y esperanza así es.

La mecánica observó los movimientos temerosos de la chica, que ahora parecía solo una niña asustada. Para calmarla le dijo:

- No te fijes en los cuerpos colgados, son un mensaje a los que no nos quieren vivos. Tú no necesitas preocuparte.

“No sé si quiero presentársela a los demás, primero porque no la conozco, segundo porque sería un peligro inimaginable, pero claro, Magda se dará cuenta, una chica del centro parece raro aquí.”

– ¿Quién es? ¿por qué está aquí y sigue respirando?

– preguntó un chico de mala apariencia que pasaba con prisa.

- Relájate Arthur, es una amiga.
- ¿Amiga o pastilla del olvido?

ODIO A ESTE TIPO, en realidad me gustan pocas personas y por alguna razón, esta loca que llegó en barco desde una isla paradisíaca al infierno, como decían los antiguos, es una de ellas.” Una anciana apareció en la puerta y solo sacudió la cabeza afirmando algo a Estrella. Se movía con agilidad dando órdenes. Vestía un mono negro, zapatillas y parecía que tenía un arma atada a su cuerpo, pero miraba a Estrella con expresión maternal. “La confianza no es una tarea muy fácil cuando aprendes desde pequeño que la vida es matar o morir, al parecer yo y la madre de Ariel crecimos con el mismo pensamiento, la diferencia es que cuando tienes dinero, sobrevivir ya no es un problema. Yo no tuve dinero, solo a Magna”

- ¿Por qué me llamó la pastilla del olvido?
- Es una larga historia que no te interesa.

Estrella avanzó para entrar en la construcción.

- Bueno, si voy a dormir aquí y confiar en ti, creo que sería razonable que lo supiera – su enfado era manifiesto.
- Así es, te lo diría si no te estuviera haciendo un favor.

“Todavía trata de negociar. Se le ve en la cara de donde viene, si me equivoco, se muere. ¿Cómo puede una persona no saber cómo es la realidad? Debe haber ido a la universidad y estudiado todo lo que es importante en el mundo de los negocios, etiqueta, ceremonial y protocolo, los discursos perfectos y todo eso, pero estoy segura de que nunca aprendió a seguir adelante, incluso cuando el mundo le dice que se detenga.”

- Todavía estás enfadada conmigo, lo entiendo, no sé qué hacer - dijo sosteniendo los brazos
- Sólo trata de no morir, ¿De acuerdo? Nos aseguraremos de que vuelvas a casa
- Oh, no voy a volver

“¿QUÉ? ¿CÓMO NO VAS A VOLVER? LA DONCELLA VIVIRÁ AQUÍ AHORA?”

- ¿Cómo no vas a hacerlo?
- Por mucho que tengo miedo de quedarme aquí, créeme, de donde vengo la tortura es mucho peor, y morir es casi un regalo.

“Un poco oscura esta chica, pero un poco sosa también, supongo que ese es el equilibrio”

Entraron en el edificio. La expresión de la visitante cambió bruscamente. Analizó algunas personas a su lado derecho que cuidaban de una pequeña huerta. Al lado izquierdo, había en un simple comedor personas limpiando y organizando lo que parecía ser el final de una comida. El espacio amplio olía a plantas y amistad. Delante de ella, Estrella caminaba relajada.

- Así que cuéntame sobre tu madre, ¿a quién está tratando de matar ahora? – interrogó Estrella jugando con una de sus rastras.
- Bueno, tú no me dices nada, creo que estoy en mi derecho de no hablar tampoco.

“Aprende rápido”

Entraron en una habitación que tenía poca luz, la chica con la blusa de flores azules bajó la cabeza y se sentó en una cama cerca a la puerta.

- Bueno no sé a quién mi madre está tratando de matar

ahora, pero sé que lo que vá a hacer dañará a muchas personas. Fue así conmigo, me destruyó, me crió para ser una arma en su empresa, desde niña lo aprendió todo sobre computación para crear sus programas que matan. Cuando yo tenía doce años me encarceló en una sala y no dejó que saliera hasta que me desmayé de hambre, porque le dije que no iba estudiar lo que ella quería. Sabes lo peor, que tú eres la primera persona a la que no tuve miedo de decirle esto, o mejor, tu eres la primera persona a la que le conté eso.

Estrella percibió entre las sombras y luces de la ventana, a la chica reprimida en su cama, y como, de los ojos más profundos que había visto, brotaba una lágrima. Con una delicadeza que ni ella sabía que tenía, le secó la lágrima con una caricia.

- Bueno...Creo que tuviste una vida difícil
- Un poco... – se quejó pareciendo impactada por haberle contado todo, pero también sorprendida por la acción de Estrella
- Crecer aquí tampoco fue fácil, principalmente porque la gente no está registrada y a nadie le importa quién eres. Hasta los ocho años, me llamaron de varias maneras, mis padres nunca eligieron una de ellas...Mi padre murió cuando yo tenía tres años, creo, por eso soy mecánica.
- Sabía que había alguien.
- Sí, exacto...También perdí a mi madre muy pronto, estábamos sentadas en la playa viendo las olas por la noche, no nos dimos cuenta de que en la isla más cercana a la costa empezaban a probar nueva tecnología armamentística.
- No podrías saber, eras una niña – quería consolarla.
- Así es... Solo la abracé, me decía que todo iba a estar bien. La miré y me dijo para mirar las estrellas, que aquella única que brillaba era la fuente de mi fuerza, como yo era la de ella,

pues era su estrella. Esa fue la última vez que vi sus ojos coloreados de amor y cariño.

- ¿Por eso tu nombre?

- Sí...

El aire estaba pesado, cuando Estrella empezó a iluminar su dormitorio con una risa contagiosa y abrumadora.

- Estás tan rota como yo –dijo entre risas la chica con tatuajes en las manos.

- Sí y ahora hay cambios en mi vida que no puedo posponer, incluso necesito una computadora con Internet –respondió con una sonrisa en sus labios.

- ¿Quieres comer un aperitivo y un jugo también? – su ironía era como un desafío.

- Bueno, puedo obtenerla sola.

- Usa la mía, pero tendrás que decirme por qué.

- Porque voy a hacerme cargo de la empresa de mi madre.

“Está completamente loca, y va a involucrar a mi computadora. Estoy segura de que acabará mal, pero estoy dispuesta a ver cómo acaba, supongo.”

- Relájate que no van a encontrar tu computadora, o eso creo.

- Genial, aquí vamos con nuestras suposiciones.

Sus ojos se encontraron con un tono de coraje y esperanza creciente. “Ahora solo me gustaría saber: si confío en ella, ¿viviré para contar?”

Mylena Dias Kruger

Aprender espanhol através da escrita literária foi de grande importância para o meu processo de aprendizagem. Além de aprender sobre estrutura de textos, conjunções e pontuações, tive que buscar e desenvolver melhor o meu vocabulário. Ainda, trabalhei concordância em espanhol, juntamente com coesão e coerência. Prestar atenção em todos esses aspectos não foi



muito fácil, mas mesmo cometendo alguns erros, o processo foi se naturalizando e percebo que por conta dos erros que corrigi, evolui no idioma.

Outro aspecto importante foi o lado criativo. Escrever em português, o qual é meu idioma materno, não passava de pequenas produções que não me agradavam, mas escrever em espanhol abriu uma janela de possibilidades que eu podia explorar. Por causa disso, a minha fluidez no texto e até na fala melhorou, já não precisava parar diversas vezes para encontrar a melhor forma de expressar algo. Assim, o processo de escrita em espanhol, além de ter sido muito proveitoso para aprender o idioma, também foi muito divertido.



El olor de las rosas

Ana Luiza Alves

Capítulo 1

*“Sigo corriendo, voy detrás de ti
Cuando yo te siento cerca de alejas de mí
Ya no sé qué vas a hacer para hacerte feliz
Yo lo intento, las palabras que tanto decís”
Acércate - Tini*

Rosa se despertó una vez más de la misma pesadilla que siempre tenía, el día en que sus padres se fueron. Ese momento cambió su vida para siempre y parecía que ni sus sueños dejaban que se olvidase del peor día de su vida.

Ya era casi la hora de ir a su trabajo como profesora en la comunidad, trabajo que tuvo desde que su novio le partió el corazón y ella volvió al pueblo y decidió no dejarse ilusionar nunca más por cosas que aparentan ser muy felices.

Salió de la cama, fue al baño, se cepilló los dientes y empezó a arreglarse para ir a la escuela. Ella amaba a los niños con todo su corazón y estaba emocionada por verlos después de las vacaciones. En el camino vio unos coches caros con unos hombres de traje y corbata cerca de la playa donde vivía, sintió que ellos no eran buenas personas pero en aquel momento no le dio mucha importancia.

Cuando llegó a la escuela se encontró con las personas que trabajaban allí, y ellos estaban hablando sobre aquel extraño grupo de hombres:

- Yo creo que son empresarios.- dijo una de las profesoras de la escuela, María.

- Lo único que sé es que no parecen estar aquí para hacer bien a la comunidad. - Dijo Rosa con preocupación.

- El hombre de traje azul es guapo, ¿que crees Rosa? - preguntó María poniendo una cara chistosa.

- Por más guapo que sea si sus intenciones no son buenas yo no voy a callar, esta es la comunidad que mis padres amaron tanto mientras estaban vivos, y yo voy a protegerla.

Después de las clases de los chicos, Rosa estaba yéndose a su casa cuando el hombre de traje azul la saludó con la cabeza. Hizo como que no lo había visto.

Capítulo 2

*“Era tan bella, era tan bella
Que su mirada todavía me quema
Como quisiera poderla olvidar
Pero se acerca y no lo puedo evitar”
Inolvidable - Reik*

Will tenía muchas ganas de que su trabajo estuviera perfecto y no quería distracciones, pero cuando vio a la mujer de pelo negro supo que tendría problemas: era la criatura más bella que había visto en la vida.

Pero él tenía un objetivo en aquel pueblo: debía arreglar los papeles para la construcción de un nuevo resort en la playa. Por eso, al día siguiente él estaba puntual en el punto cero del futuro resort hablando con otras personas de la compañía.

- Creo que el resort será el mayor proyecto de la compañía. - dijo uno de los responsables por las plantas del proyecto.

- Yo también, tenemos que conseguir todas las autorizaciones jurídicas para empezar las obras de transformación de esa región.

-Dijo Will.

- ESO ES INACEPTABLE. - Will miró hacia atrás y vio quién los había interrumpido. Era la mujer del otro día, la mujer que él no podía quitarse de la cabeza.

- Perdón, ¿y usted quién es?. - Preguntó Will interesado en descubrir su nombre.

- No importa quién soy yo, no va a haber ningún cambio en esta comunidad. - La mujer parecía muy enfadada.

- Perdón señorita pero usted no tiene el poder para detenernos, la construcción del resort va a ocurrir, ya tenemos los papeles de la compra de las tierras. - Dijo Will empezando a enojarse.

- Eso es lo que vamos a ver, puedes esperar porque vas a volver a verme, hombre engreído. - Dijo la mujer y se fue de la playa en dirección a una escuela.

- Eso será un problema para nosotros Will? - preguntó uno de los representantes de la compañía.

- Espero que no, yo voy hablar con ella mañana y explicar{le} los beneficios de la construcción para la comunidad. De cualquier forma ella no puede hacer nada para detenernos. - La mujer suponía un problema para su trabajo, pero él estaba ansioso por volver a hablar con ella.

Capítulo 3

*“Oye, Escucha lo que tengo que decir
Ya no me quedan ganas de mentirte para no llorar
Yo sé que ya es muy tarde”
Oye - Tini y Sebastian Yatra*

Cuando Rosa está casi llegando a la escuela ella ve que el hombre del día anterior está solo allí, como esperando. Imagina que quiere hablar con ella así que ya se prepara y se pone su armadura.

- ¿Qué quieres aquí? - pregunta ella cuando los dos están de frente uno al otro.

- Me gustaría hablar contigo, creo que nuestro primer encuentro no ha sido muy agradable. Me llamo William, Will, soy abogado y voy a tratar de la burocracia relacionada a la construcción del nuevo resort de la área. - Él tenía una sonrisa presumida y eso la enojaba aún más.

Rosa no era tonta, ella sabía que la región que había sido comprada para la construcción del resort era privada y por eso ella no podía hacer nada, había investigado la noche pasada, y no estaba feliz con toda las modificaciones que iban a ocurrir en el pueblo.

- Me llamo Rosa y tu trabajo causará mucha infelicidad para las personas que aman esta comunidad, este es un lugar tranquilo y pacífico, con un resort de lujo toda la paz de las personas que han vivido aquí su vida entera va a acabar, entonces haz lo que quieras, pero déjame en paz. - Dijo Rosa todo de una vez queriendo librarse de aquel hombre que, aunque era lindo, la entristecía por lo desagradable que eran sus objetivos.

- Rosa, un resort de ese tamaño puede ofrecer empleos a la comunidad, no es del todo malo, además traería una opción de ocio para las personas de aquí, porque tienes que confesar que este

lugar parece el fin del mundo, no hay nada para hacer. - Dijo él y eso la dejó con mucha rabia.

- “PARECE EL FIN DEL MUNDO” - ella repitió con mucha rabia y lágrimas en los ojos.

- Eres muy arrogante y presumido, este lugar es muy importante para mí y para las personas que viven acá. Mis padres fueron asesinados por los dueños de una empresa de madera que querían deforestar toda esta zona, ellos lucharon por esta comunidad, entonces no me hables de los beneficios que un resort va a traer a la ciudad, no seas mentiroso, nosotros dos sabemos que los únicos beneficiados serán los dueños de la empresa del resort. - cuando ella terminó de hablar las lágrimas cayeron por sus mejillas y no conseguía esconder su tristeza al recordar la muerte de sus padres. Will no consiguió decir nada, estaba muy conmovido después de todo que había escuchado, y consiguió entender toda la pena y el dolor por detrás de los ojos verdes de Rosa.

- Perdón señorita, no voy a molestarla más con mis asuntos. - le dijo y se fue, pero interrumpió sus pasos y habló de nuevo. - Rosa, mis sentimientos por la muerte de tus padres, ellos debían ser personas buenas ya que criaron una hija tan fuerte como tú.

Después de eso él se fue y ella se secó las lágrimas y entró en la escuela para dar sus clases. Pensó que sus disculpas eran sinceras, pero esto no disminuía su tristeza, sin embargo se preguntó cómo un hombre que había acabado de conocer podría provocarle tantas emociones contradictorias.

Capítulo 4

*“Ya sé que es cobarde pedirte
En una canción
Perdón, perdón”
Perdón - Camila*

En la noche del mismo día Will llegó a su cuarto en un pequeño hotel de la comunidad y no podía dejar de pensar en las lágrimas que le había causado a Rosa. Él siempre pensó que tenía un corazón bueno, pero ahora creía ser el peor de los villanos. Claro que era difícil ser insensible con una mujer que había despertado algo en su corazón que hace mucho tiempo creyó estar cerrado para las relaciones románticas. Tenía que hacer algo para que ella lo perdonase.

Al día siguiente Will estaba decidido a descubrir donde vivía Rosa y a hablar con ella y pedir perdón por ser un insensible. Le preguntó al dueño del pequeño hotel si conocía a Rosa y éste le dijo que vivía en una cabaña cerca de la playa, pero también habló por unos diez minutos de como Rosa era una chica increíble, profesora en la escuela y muy cariñosa con los niños.

Entonces Will compró algunas flores para llevárselas a Rosa. Cuando llegó cerca de su casa se quedó parado al frente de la puerta sin tener coraje para llamarla. Justo cuando se había decidido a llamar, ella abrió la puerta y quedaron cara a cara.

- ¿Qué estás haciendo en mi casa ? - Preguntó Rosa.

- Vine para decirte que lo siento por todas las estupideces que dije ayer, yo sé que te hice daño entonces te pido que aceptes estas flores, y te pido perdón. - Se sorprendió con la cantidad de palabras que había dicho de una sola vez.

- Mira Will, me quedé muy triste por lo de ayer, sé que tú no sabías

de mi historia, de cualquier forma solo te pido que me dejes en paz. Sé que ya no puedo hacer nada con lo del resort, pero eso no quita que mis sentimientos hacia ti sean contradictorios.

- ¿Qué sentimientos tienes hacia mí? - pregunto un poco perdido por el giro de la conversación.

- Tú estás en mi ciudad para hacer algo que yo no quiero y además dijiste cosas ayer que me hicieron daño. - mientras ella hablaba, él se sentía muy culpable. - Pero estás aquí para pedirme perdón, entonces creo que tal vez tienes un buen corazón, sin embargo la naturaleza de tu trabajo no ha cambiado, entonces te pido que te vayas y no vuelvas a hablar conmigo de nuevo. - Ella terminó de hablar y ya iba a cerrar la puerta.

- Rosa, cálmate. - Will agarró la puerta. - Yo también tengo sentimientos encontrados hacia ti. Por un lado me siento mal al saber que mi trabajo pueden lastimarte, pues si es mi trabajo tengo que hacerlo, sin embargo hay algo en ti que me atrae como un imán, sé que tengo que mantenerme lejos de ti pero aquí estoy implorando por tu perdón porque no quiero que tengas una mala impresión de mí.

- Will déjame por favor. - Su voz estaba rara cuando Rosa cerró la puerta.

Will se quedó mirando la puerta por unos minutos, pensando en toda la conversación, y después caminó hacia el hotel.

Dentro de la cabaña, Rosa vio que Will se había quedado parado en su puerta por varios minutos.

Capítulo 5

*“Dime que piensas solamente en mí
Frente a frente, dímelo
Es casi un desafío, hay demasiado ruido
Pero al menos intentémoslo”
Lo Que Tu Alma Escribe - Tini*

Rosa no podía parar de pensar en las palabras que Will le había dicho día anterior. Estaba caminando hacia su trabajo, recordando toda la conversación cuando lo vio al otro lado de la carretera. Sin pensarlo dos veces fue a su encuentro, justo al mismo tiempo que un coche se salía de la carretera e iba en su dirección. Creyó que la iban a atropellar, pero Will la empujó y recibió toda la fuerza de la colisión con el coche.

Rosa se desesperaba porque Will había perdido el conocimiento y el conductor del coche se había ido sin dar ayuda. Rápidamente tomó su teléfono y llamó al hospital.

- Cálmate Will, la ayuda está llegando.

Capítulo 6

*“Yo te conocí en primavera
Me miraste tú de primera
De un verano eterno me enamoré
Y esa despedida en septiembre...”
Un Año - Sebastian Yatra y Reik*

Rosa estaba en el cuarto del hospital esperando a que Will despertase. Después de que los médicos hicieran todos los exámenes, los resultados apuntaron a una contusión leve. Los compañeros de trabajo de Will fueron al hospital y después Rosa

se quedó con él.

Observó su rostro y percibió que ellos dos tenían el mismo problema, la soledad. Perdida en tus pensamientos, vio que Will despertaba y la miraba a los ojos.

- Hola Rosa. - dijo él con una sonrisa franca, azotada por los dolores.

- Hola Will, ¿cómo te sientes ? - preguntó ella mirando sus ojos azules.

- Feliz porque no te lastimaste.

- Estás loco!, ponerse delante de un coche así!, qué estabas pensando? - Rosa se levantó de su silla y caminó alrededor de la habitación.

- Estabas en peligro, qué podía hacer? - El tono de Will era un poco afligido.

- Me dejaste muy preocupada, no me contestabas, estabas inconsciente. - ella hablaba muy rápido, a punto de romper a llorar. Will la llamó con los brazos para darle un abrazo.

Con Rosa en sus brazos, aunque fuese solo por un momento, su olor lo transportaba a las nubes. Y así, con ella en sus brazos, no sentía la soledad habitual que hacía mucho tiempo lo acompañaba.

Capítulo 7

“Entre tanta gente, baby, entiende

Que yo solo quiero estar contigo

Quédate conmigo

Tú sabes que sobran las razones para amarnos ”

Si tu Supieras - Tini

Cuando Will se fue del hospital, Rosa le ofreció que se quedase en su casa unos días para curarle las heridas. Los días fueron pasando y ellos se hacían cada vez más amigos, hablaban de sus respectivos pasados, Will que creció sin padres, y Rosa, cuyos padres habían muerto.

Todas sus conversaciones parecían más profundas que ninguna otra que ambos hubiesen tenido antes. Will se daba cuenta de que estaba enamorándose de Rosa, que todo en ella le gustaba, su personalidad, su fuerza y todas las veces que sentía su olor a rosas tenía certeza de que podría amarla.

Rosa sentía lo mismo, sin embargo tenía miedo porque sabía que llegaría el día en que Will se iría y ella no podría hacer nada.

Entonces mantuvo tus sentimientos en secreto.

Durante el día Rosa daba clases en la escuela y Will iba a trabajar en los documentos del resort, él ya no volvió más al hotel pues se quedó desde que salió del hospital en la casa de Rosa.

Ellos iban a ver la puesta de sol en la playa, comían juntos siempre, y hablaban, entre otras cosas, de sus días en la universidad.

Un día Will llegó más tarde que de costumbre a la casa y ella estaba durmiendo en el sofá, él se quedó mirándola por unos minutos, después la tomó en sus brazos y la llevó a la cama.

Cuando estaba casi saliendo del cuarto ella tomó su mano y le pidió que se quedase a dormir con ella..

Capítulo 8

*“Si tu te vas
ay pierdo el sentido
muero de frío
no puedo más, si tu te vas”
Si tu Te Vas- Tini*

Después de unos días, Will se estaba volviendo loco, estaba perdidamente enamorado de Rosa, sin embargo sabía que en algún momento se iba a ir de allí y que el resultado de su trabajo iba a dejarla muy triste. Ellos estaban viviendo una vida perfecta, como si ya estuvieran casados, pero él no podía hacerle eso a ella, que ya

había sufrido tanto, él sabía que tenía que irse de allí antes de que fuera muy tarde.

Cuando Rosa llegó a casa, vio a Will haciendo sus maletas.

- ¿Qué estás haciendo, vas a volver al hotel? - ella preguntó con miedo de la respuesta.

- No Rosa, estoy volviendo a New York, perdóname pero tengo que irme de aquí. -dijo con los ojos en lágrimas y sin mirarla porque si lo hacía sabía que no lograría marcharse.

- ¿Yo hice algo? Pensé que nos estábamos enamora...- Ella no completó la frase

Entonces él la miró, fue hasta ella, tomó su rostro en las manos y dijo:

- Si Rosa, estoy muy enamorado de ti, tanto que a veces solo de sentir tu olor yo ya me desarmó por completo, pero no puedo más, déjame, cuanto más me quede aquí peor será nuestra separación, porque yo tengo que irme y tu tienes que quedarte

Rosa se apartó dándole la espalda, pero luego volvió a mirarlo.

Ya llorando, dijo:

- Tú ni me preguntaste que es lo que yo quería, tú no sabes de mis sentimientos hacia a ti, tú te ibas sin despedirte si no llego a tiempo... entonces aunque yo esté enamorada de ti es mejor que te vayas y no vuelvas, yo no quiero un hombre que desiste de mí tan fácilmente sin luchar por nuestro ... amor.

- Rosa mira, yo nunca he me enamorado antes, pero sé que si no me separo de ti ahora, una pelea entre nosotros en el futuro acabaría conmigo, yo nunca podría componerme si te perdiese.

- Will, ya tomaste tu decisión, pero solo pensaste en ti mismo, mira, vete de una vez y no vuelvas. Tu corazón está protegido, te felicito, en cambio partiste el mío. Will tomó sus maletas y caminó en dirección a la puerta, pero se detuvo para abrazar a Rosa una última vez y le dijo:

- Tú siempre serás la primera mujer que yo ame y probablemente la última también.- Besó su frente y salió de la casa.

Rosa se sentó en el sofá y lloró porque sabía que él también sería su único amor en la vida.

Capítulo 9

*“Porque aun te amo y sigo enamorado
no encuentro el modo de olvidarme de ti
de arrancarme tu amor de raíz.*

*Porque aun te amo y estoy abandonado
lo que no daría por volverte a besar
y a tu lado poder despertar
porque aun te amo.”*

Porque aun te amo - Jeancarlos

Una semana después Will llegó a una conclusión, él era un imbécil. Dejo atrás la única cosa hermosa de su vida para volver a un departamento frío y vacío, decidió volver a soledad de su vida sin Rosa para evitar posibles tensiones, pero él sabía que había hecho la peor cosa en aquella situación, pues lastimó a la única persona que ya había amado. En sus maletas encontró un pañuelo que Rosa siempre usaba cuando iban a la playa por la tarde, y aquel pañuelo tenía el olor que llevaría a Will a tomar su decisión: iba conquistar el perdón de Rosa.

Rosa intentó vivir su vida una semana después de que Will se fuera, pero todo en su casa ahora le recordaba a él, entonces era una tarea casi imposible olvidarlo.

Un día Rosa estaba en el lugar de la playa al que ella y Will siempre iban al final del día. Estaba pensando en él cuando creyó ver un espejismo, Will apareció delante de ella:

- Rosa, todavía vienes aquí? - dijo con mucha inseguridad.
- Debo estar soñando. - dijo ella sin dar credito a lo que veía.
- No es un sueño, estoy aquí para implorar tu perdón y pedirte que me aceptes de vuelta. Vendí mi departamento en New York y pedí dimisión de la compañía que va a construir el resort. Te estoy implorando que me aceptes. Sin ti estoy perdido.
- Me lastimaste tanto cuando te fuiste..., no sé si puedo sufrir así de nuevo. - dijo Rosa llorando.

Will sujetó su rostro y dijo.

- Yo te prometo pasar cada día de mi vida probándote que estoy arrepentido y que tú eres la única mujer de mi vida, la persona que más amo en el mundo. Antes fui cobarde por miedo, pero ahora sé que nuestro amor me hace fuerte y que nada pude hacer que yo me separe de ti otra vez. Te amo Rosa.

- y yo te amo Will.

Se besaron bajo la luz del atardecer y vivieron felices para siempre.

Fin.

Ana Luiza

Descrição de escrita criativa

Quando se aprende um novo idioma algumas ferramentas já são conhecidas para ajudar nesse processo como práticas orais, vocabulário entre outros. Mas a metodologia da escrita criativa foi diferente para mim, eu percebi uma forma muito interessante de auxiliar no meu aprendizado além de frases soltas pois quando se escreve uma história você pode aplicar diferentes tipos de estratégias para escrevê-la.

Então eu gostei muito de escrever o conto para as aulas de espanhol porque me ajudou muito a desenvolver mais do que respostas e palavras soltas, a escrita criativa devia fazer parte das aulas na minha opinião.



Para mi rosita clara

Ary Dias Dutra

Capítulo 1: “Volver a los Diecisiete”.

Rosita se despierta. Aquel fue el día en que su madre regresó a Chile después de 3 años viviendo en Europa. Rosita tenía 17 años y ya era una niña con un carácter muy marcado. Sería la primera vez que vería a la que decían que era su madre, con plena conciencia. Violeta ya había dejado sola a su hija una vez. Antes de cumplir un año, su madre se fue a presentar al mundo la nueva canción chilena, en Europa, y allí permaneció dos años. No fue una mala madre, si pensamos que ella apreciaba mucho la independencia para sus hijos. Quería que a sus hijos, en cierto modo, les crecieran alas por sí mismos, como ella, para remontar su vuelo. Quizás, simplemente tomó el arte como un hijo favorito. Al menos así lo veía Rosita.

Su madre nunca estuvo ahí como todas las demás madres. Y la gente le decía: ¡qué espectacular, tu mamá es Violeta Parra! Pero nunca le preguntaron dónde estaba, porque nunca estuvo a su lado. Y en ese momento, en que todo Chile clamaba en las calles, el regreso de esa chilena que tuvo su primera actuación artística en el Louvre de París, ella cerró las puertas y las ventanas y se quedó en casa. Sin embargo, sentada en su cama pensaba que había un vacío, un sentimiento de no pertenencia, una mezcla de dolor y rabia. Rosita quería ese encuentro, en lo más profundo de su alma, pero exteriormente estaba tratando de expresar su disgusto, pues ya se había acostumbrado a la vida sin una madre.

Despertó de su trance cuando el hermano Ángel irrumpió a través de las puertas de su habitación, descorrió las cortinas y abrió las enormes y viejas ventanas. El hermano, ya entendiendo lo que estaba pasando, solo miró a su hermana, como diciendo que el mensaje ya estaba dado y no había lugar para preguntas, era una orden. Se levantó, suspiró profundamente, como si aspirara el olor de las calles que entraban por su ventana y clamaban por el regreso de su madre. Puso en el viejo tocadiscos la canción “Volver a Los 17”, la única que escuchaba de su madre sin sentirse molesta, y que le recordaba algo íntimo, como una canción de cuna en la que la madre pasa la mano por el cabello de su hijo. Rosita cantó bajito mientras encendía un cigarro del que aspiraba amargamente el humo. Ese día la ventana no se abrió como por encanto, ni entró el amor con su manto cariñoso.

Se vestía como alguien que quisiera rasgar la ropa. El cabello suelto y mal peinado expresaba su impulso interno de gritar. Rosita se miró en el espejo y se preguntó si realmente se parecía tanto a su madre como decían todos. Dejó que algunas lágrimas de enfado rodaran por su rostro, no sabía si era ella o su madre. Era una competencia constante entre ángeles y demonios. Hasta que la llamada de su hermano, solicitando su presencia, la aturdió. Respondió, dio gracias por su vida y fue al encuentro del resto de la familia. Después de cerrar la puerta del dormitorio, miró hacia el pasillo y lo hizo mayor de lo que era, contando cada uno de sus pasos. Fue una mezcla de todo. Todo lo que tenía aprisionado en su corazón salió ardiendo como una quimera para emprender ese encuentro con su madre.

En la sala, todos sonreían. Rosita se veía fúnebre, realmente

nunca había sido la más graciosa de la familia, pero ese día se le había apagado la luz, tenía la mirada baja y las mejillas sonrojadas, tal vez era la timidez propia de una primera cita. Pero parecía ser lo que todos esperaban. En comitiva, la familia Parra bajó las escaleras del solariego, en el portón la hermana mayor levanta el mentón de Rosita y dice: - Es nuestra madre. Tu madre. Cargando estandartes y mientras cantaban, los Parra se dividían en carros, era la visión de una caravana. Eran felices, eran artistas, nunca quisieron acumular dinero con su trabajo, lo que más valoraban eran esos momentos.

Rosita torció los brazos y plantó los pies en el suelo como un árbol hunde sus raíces en la tierra. Ángel, a quien no vio ese día, una vez que riñeron, se postró para reaccionar contra su hermana, pero fue detenido por Víctor (Jara), un gran amigo de la familia, tanto que no pudo evitar meterse en medio de este convoy. Y su primera acción fue abrazar a Rosita, y en sus brazos ella tragaba lágrimas. Quizás fue el mayor referente de cariño y amistad que se encontró Rosita. Ahora tranquila, dijo que no quería ir así, que quería hacer del momento su calvario, era algo que tenía que hacer sola y sin las impresiones de nadie, que prefería caminar por las calles, tratando de entender una última vez qué era ese Chile de Violeta Parra, y por qué la querían tanto como a una madre que ella misma nunca podría tener. Víctor, realmente no podía discutir, sabía que Rosita lo necesitaba, lo único que la hizo prometer fue asistir al entierro, no era solo el momento de Violeta, era el momento de un país y una cultura. Rosita asintió con la cabeza y se fue. Víctor le deseó suerte, miró al resto de los hermanos que ya estaban en los autos, y volvió a mirar el andar de Rosita que ya cruzaba el patio.

En las calles, era imposible evitar la conmoción. Banderas, pancartas, movimientos sociales y de izquierda, gente a través de las ventanas, era como si la gente estuviera celebrando una final de la Copa del Mundo donde Chile había salido campeón. El espíritu de Violeta era realmente nacional y, sobre todo, popular. Era el paso atrás de Rosita, contra el de todos los que avanzaban. Dondequiera que miraba, veía el rostro de su madre. Estaba aturdida, eran los lapsos de una infancia lejana cuando había entrado en contacto con su madre. Pateó a un ciclista que pasaba frente a ella, culpable de perturbar sus recuerdos. Fue una escena digna de las novelas de un autor brasileño. Se imaginó invisible para todas aquellas personas que pasaban, trató de encontrar una maldita respuesta, incluso condenó a Dios, si es que existía.

Perdida en sus pensamientos, despertó de su rabia cuando un hombre harapiento del lado opuesto de la esquina donde ella esperaba para cruzar una amplia avenida le preguntó sin pestañear.

¡Usted!

Rosita respondió al hombre con una mirada.

Él continuó.

- Tú misma.

El hombre fue preciso.

- Me recuerdas a Violeta Parra, diría que podrías ser su hija de tan parecida.

Y una vez más habló.

- Me recuerdas a Violeta, cuando era joven y no teníamos que compartirla con el mundo. Cuando solo era una cantante chilena.

Rosita apretó aún más sus ojos, ya casi cerrados ante el fuerte sol que intentaba invadir su rostro a través de su cabello. Castigó al hombre con la mirada. Pero coincidió.

- Tal vez. Tal vez algún día fui una niña Parra. Hoy solo quiero ser.

Parece haber pensado metódicamente en cada palabra, mientras contaba cada respiración antes de pronunciarlas.

El hombre dejó escapar una sonrisa de su boca maltratada, como quien deja escapar una bala por la boca. Parece que estaba satisfecho con aquella sola frase. Y respondió con palabras que rebotaron en la barrera del sonido con tanta alegría como las entonaba.

- ¡Y quién no querría ser un Parra! Es como subir a los cielos y beber ambrosía con los dioses.

Rosita ya se sentía desahogándose con aquel extraño. La ira había pasado. Ella sintió la alegría del hombre, no quería molestarlo, ni molestarse a sí misma. Y tomada con un sentimiento de gratitud por la frase tan llena de experiencia de aquel hombre por quien la sociedad nada daría, se esforzó en honrarlo con una palabra más, aunque pronunciada con tanta tristeza.

- Si son dioses, parece que me negaron el Olimpo. Pero estoy satisfecha, aquí me quedo, sin mitos. Entre los hombres y la muerte.

Y sin tiempo para más, Rosita le devolvió la sonrisa al hombre,

tímidamente y a tono con sus labios finos, era el único acto físico que su cuerpo podía lanzar en ese momento en que empezaba a cruzar la avenida. El hombre se quedó mirando sólo sus cabellos, que bailaban una especie de rock en medio de un viento atrevido y repentino.

El hombre gritó, porque ella no le dio tiempo para una despedida formal.

- ¡Incluso tu sonrisa es como la de tu madre!

Al final de la oración, un auto golpeó de lleno a Rosita. Al volante del coche, una familia medio ebria cantaba algo que sonaba en la radio. Eran súbditos de Violeta, emotivos y tardíos. La niña, después de ser arrojada a la acera, tenía la cabeza ensangrentada, su rostro tenía un corte expuesto en el lado derecho. El corte fue tan rasante como el aterrizaje el avión que en ese preciso momento descendía en el aeropuerto con Violeta mientras una multitud vitoreaba.

Cuando llegó la noticia, la familia asustada no supo cómo reaccionar de inmediato. ¿Rosita había sido víctima de aquella avalancha que fue la sombra de su madre? ¿Es posible que confluyesen en una misma faceta del tiempo grandes historias de mujeres tan enormes? “Rezo y maldigo el alto cielo, con su telaraña del destino”, pensó en voz alta el harapiento hombre en el mismo momento en que vio aquel desastre frente a él.

Nota: Tal vez algún día, como narrador y autor, les responda escribiendo el Capítulo 02: “Verso Por La Niña Muerta”, en el que seré agraciado con el tiempo y la imaginación necesarios.

Ary Dias Dutra

O método de escrita criativa aplicado pelo professor Iván Bustinza, foi relevante em meu processo de aprendizagem da língua espanhola. Pois ao mesmo tempo que imprime uma atenção com relação à gramática, também nos concede uma liberdade satisfatória de poder trabalhar um tema que dominamos e/ou apreciamos. É uma oportunidade muito rica. E é interessante como percebe-se, no meu caso por exemplo, um falante de português, como foi transcrever o que havia pensando em espanhol, as diferenças de sintaxe, as aplicações das orações na construção textual, os acordos e desacordos quanto à significação ao longo do desenvolvimento, ou seja, garantir a mesma transmissão da ideia central do texto.



Além do que, poder ter trabalhado com um tema cultural de origem hispanohablante, optar por um objeto de estudo já dentro dessa linguagem nos faz ampliar ainda mais a visão com relação à língua. Quando escolhi o meu tema em torno da figura de Violeta Parra, ter de escuta-lá, ler sobre, pesquisas acerca de sua vida, para poder caracterizar melhor meu texto, e tudo isso em espanhol, já é um bom fator para iniciar a escrita. Portanto a criatividade está nessa mescla de fatores, onde a inspiração por um tema te leva a querer escrever bem, para que qualquer pessoa ao ler o seu texto sinta as mesmas emoções, fique envolvido com aquela narrativa, e quem sabe dela, querer também se arriscar a escrever, ler e escutar mais na língua espanhola e nos seus diferentes regionalismos.

